ILUSTRAÇÃO

N.º 330 — 14.º ano

16-SETEMBRO-1939

PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

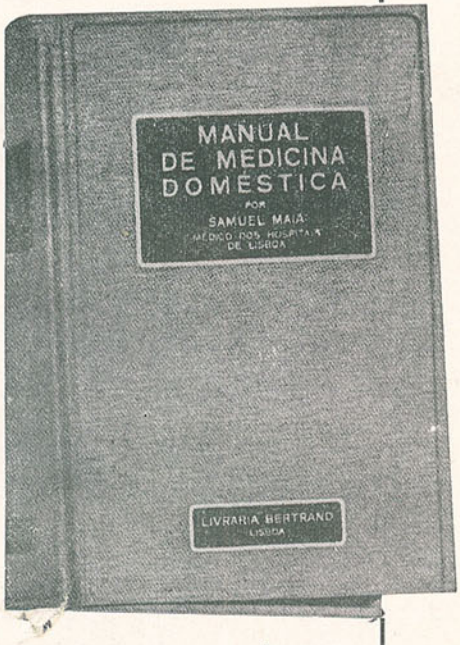
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27

LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

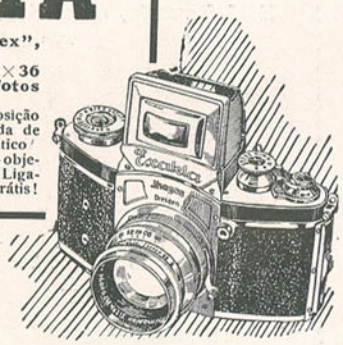
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

EXAKTA

—A máquina monocular, "Reflex", de espêlho, para todos os fins: Com a Kine-Exakta, 36 fotos 24×36 mm., com a Standard-Exakta, 8 fotos 4×6,5 cm.

Completamente livre de paralaxe / Exposição dupla impossível / Obturador de fenda de 1/1000 até 12 seg. / Disparador automático / Objectivas substituíveis até 1:1,9, Tele-objectiva e objectiva de grande angular / Ligação de luz-relâmpago / Prospectos grátis!



Ihagee KAMERAWERK STEENBERGEN & Co

DRESDEN — Striesen 574

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03-1913 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRANDE EXITO LITERÁRIO

À venda, nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE AQUILINO RIBEIRO

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo? Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado . . . . . Esc. 12$00

Pelo correio à cobrança . . . 13$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **Dr. MÁRIO DAMAS MÓRA**

Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso «Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol. de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras
Esc. 10$00; *pelo correio à cobrança*, **Esc. 11$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de **ALBERTO DE SOUSA**, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — **LISBOA**

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**
Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomaticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — **LISBOA**

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-SETEMBRO-1939
N.º 330 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

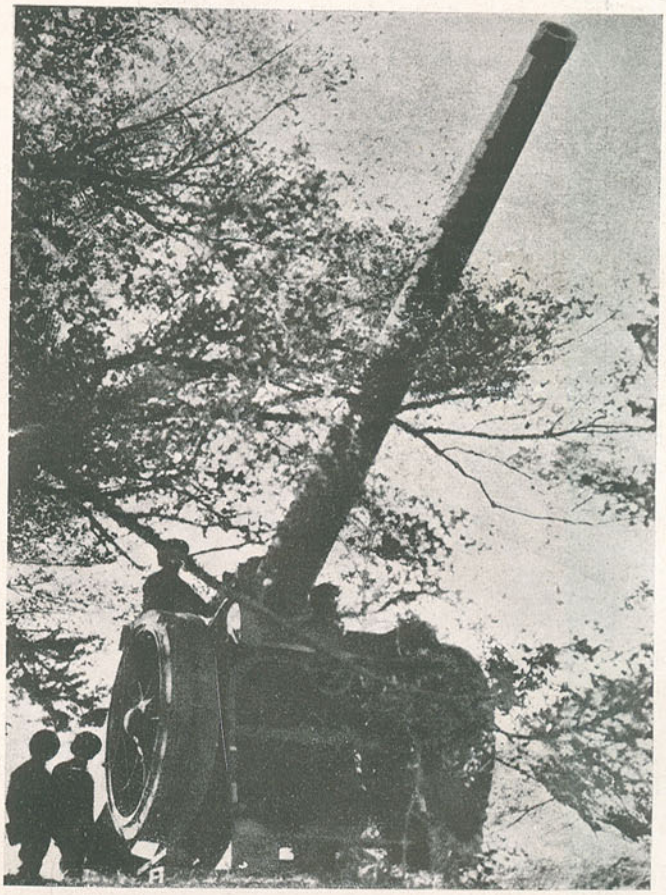
PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A tão execrada guerra, êsse flagelo horrendo que a Humanidade esperava a cada momento, voltou a assolar o Mundo.

Desencadeou-a a Alemanha, alegando não poder viver na camisa de fôrças a que o Tratado de Versalhes a sujeitara com as baionetas apontadas ao peito. Mas, em todos os tempos, os tratados de paz foram impostos pela vontade do vencedor, e sempre com prejuízo do vencido.

Que fêz a França após a derrota sofrida em Sédan? Sujeitou-se às imposições de Bismarck, sem um lamento, sem um queixume, como vencida que era.

E, que nos conste, para voltar a engrandecer-se, não careceu nunca de cubiçar a prosperidade dos visinhos,



nem de recorrer às armas, a fim de lhe ser restituido o que o vencedor lhe levara. Se recuperou a Alsácia e a Lorena, foi porque a Alemanha mais uma vez a invadiu, visionando talvez um novo 1870.

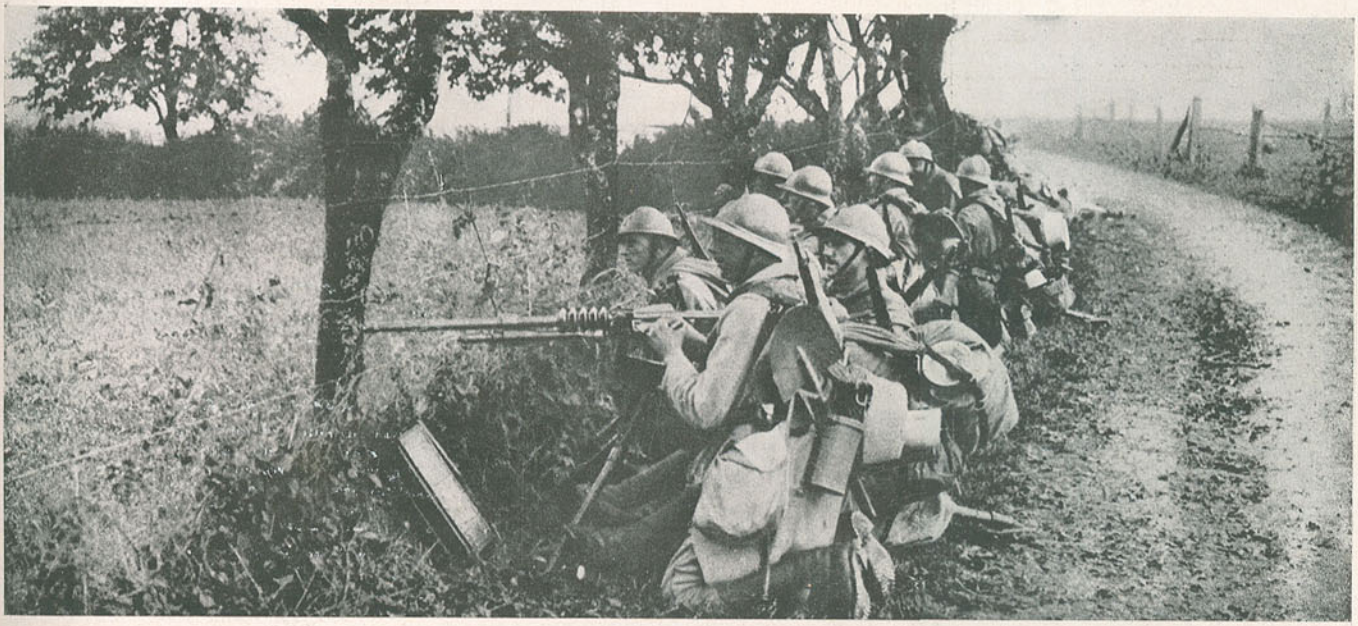
Foi então que a Inglaterra, vendo a Bélgica agredida, correu em seu auxílio com a mesma firmeza que emprega agora em socorro da Polónia.

Quando terminará esta guerra?

A quem caberá a vitória?

É bom ter-se presente que uma guerra não se ganha apenas com soldados e material bélico aperfeiçoadíssimo.

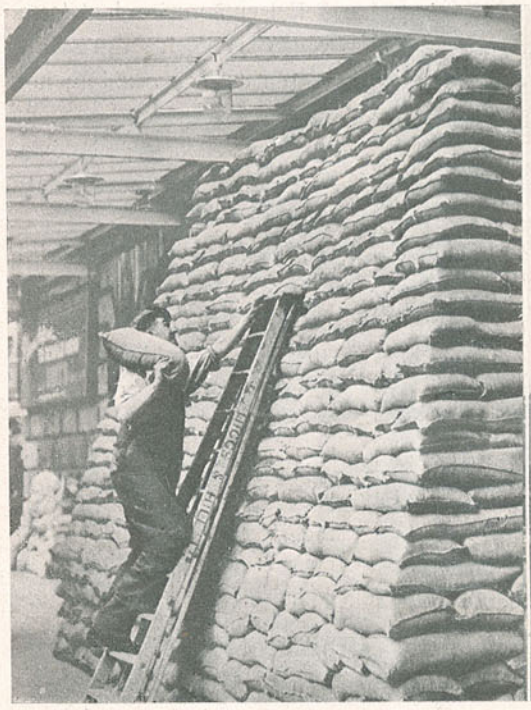
Segundo a autoridade indiscutível de Napoleão, «uma guerra ganha-se com três coisas: dinheiro, dinheiro e dinheiro.



Em cima: Um canhão nos Alpes franceses operando na sua máxima elevação — Em baixo: Soldados franceses abrindo fogo de metralhadoras

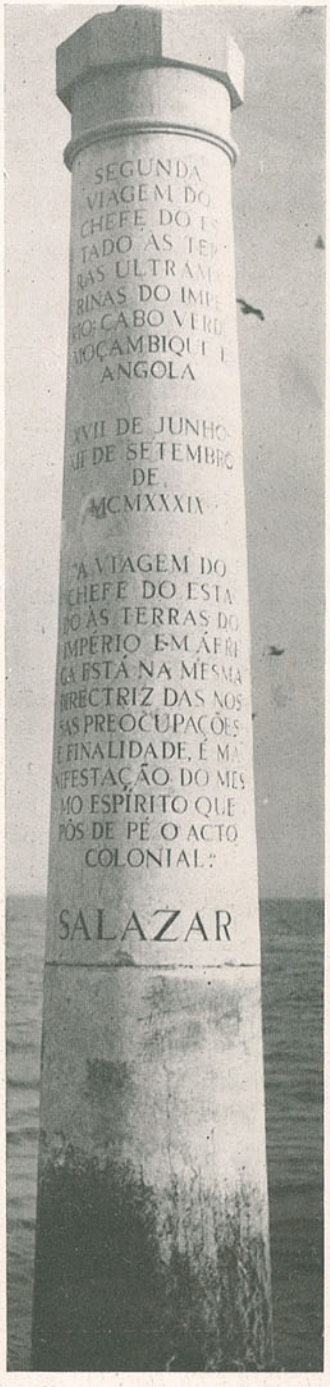
IMAGENS DA GUERRA

Em cima: Soldados alemães avançando para a frente de batalha. — *Ao centro:* Como a residência do Lord Mayor de Londres se protege contra os ataques aéreos. — Em Paris, os candieiros de iluminação pública são munidos de luz de alarme. — Em Londres, na Catedral de Canterbury, são adoptadas as necessárias precauções para evitar a destruïção de preciosidades. Operários especializados retiram da Trinity Chapel os preciosos vitrais. — *Em baixo:* Um destacamento de tropas francesas encarregado da guarda das fronteiras. — Tropas francesas atravessando os tuneis de comunicação da linha Maginot.



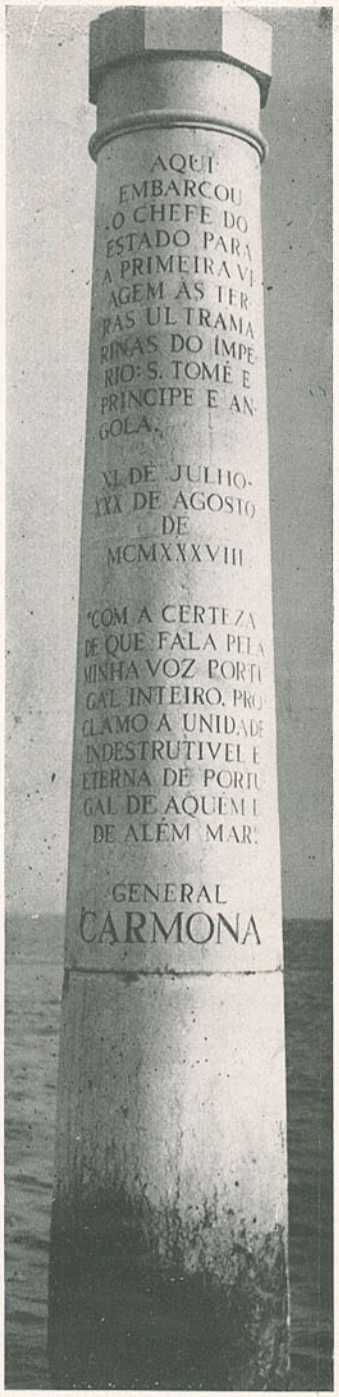
O REGRESSO

do sr. Presidente da República



Em cima, à direita: O sr. Presidente da República e o sr. Presidente do Conselho abraçam-se a bordo do «Colonial». *Ao centro:* Um aspecto da multidão que acorreu a saudar o Chefe do Estado na cidadela de Cascais. *Em baixo:* A multidão aguardando no Terreiro do Paço o desembarque do Chefe do Estado. *À esquerda:* Uma das inscrições que perpetuam no Cais das Colunas as duas viagens do sr. general Carmona às terras do Império

O REGRESSO
DO CHEFE DO ESTADO



Em cima, à esquerda: O Chefe do Estado em continência durante a execução do hino nacional. — *Ao centro:* O sr. Presidente da República, acompanhado pelos membros do Govêrno, desembarcando no Cais das Colunas. — *Em baixo:* O Chefe do Estado com os membros do Govêrno no Palácio de Belém. — *Á direita:* Uma das inscrições que perpetuam no Cais das Colunas as duas viagens do sr. general Carmona às terras do Império

O CANTEIRO DA EUROPA

Nêsse fresco e lindo canto da Europa, que se chama Holanda, florescem as mais lindas flores que vão embalsamar o mundo todo com os seus perfumes, e que, por uma predestinação de todo o creado, também adubam a terra, para torna-la a florir de novo.

Animais e plantas, tudo vem a esta vida para o melhor dela — os homens com a sua arte e a sua ciência os outros animais com a sua utilidade — que todos a têm, nós é que não a conhecemos — e as plantas para enfeitá-la.

E à terra tudo se devolve, num círculo vicioso de vida e de morte.

As tulipas da Holanda são célebres pelo seu matiz que cobre grandes camadas de terreno, assim como uma floresta anãsinha, rica de colorido e de aroma.

★

No meio destas maravilhas da natureza, veio agora mais uma flor mostrar-se uma preciosa flor de carne, uma princesinha loira e rosada, como caída do céu, em doce benção à dinastia dos Orange-Nassau, a mais antiga dinastia reinante do velho mundo.

Parece que é sina da Holanda ser governada por mulheres. Uma está no trono, outra deve suceder-lhe, por direitas contas, e na sua terceira geração outra se apresenta já indicada para empunhar o céptro e cingir a coroa do canteiro da Europa.

E o caso é que se não tem dado mal em mãos femininas.

Desde a sua coroação até hoje, a raínha Guilhermina tem sabido manter os seus domínios intactos e calmos, no meio de mil perturbações que continuamente agitam terras visinhas, não sofrendo a minima repercussão de tantos abalos.

Durante o seu reinado, quantos reis desapareceram, quantas coroas cederam o lugar ao barrete frígio das repúblicas.

Uns morreram violentamente vítimas de novos ideais ou de falsos iluminados, outros arrastam no exilio a pesada nostalgia dos faustos passados.

Que da glória de mandar fica sempre um travo amargo, quando se perde.

Guilhermina da Holanda privou desde menina com essa grande raínha Vitória do g'orioso reinado de sessenta anos, e quém sabe que reserva de energias aquela velhinha já no fim da vida implorou a essa linda mocidade que esperava a hora de subir a escada da realeza até ao trono, e que Deus permita que ela ocupe tanto tempo como a sua velha amiga desaparecida ainda em pleno triunfo.

★

E continuam os senhores homens a pensar que governam melhor dos que as mulheres.

O exemplo está aí e muitos houve para desmenti-los. Esse filosofo amargo — Schopenhauer — que tem o nome de pássaro e foi pássaro de bico amarelo — muito deve ter sofrido com as mulheres, para escrever o que escreveu, num paralelo desagradável entre os cabelos e as idéias — cabelos compridos e idéias curtas.

E não se vá dizer que se as idéias melhoraram, crescendo, foi porque os cabelos diminuiram.

Não, êsse argumento lhes corto eu, lembrando-lhes que com grande cabelos governaram, e bem, a raínha Isabel de Inglaterra, e a raínha Vitória de saudosa e simpática memória essa, sem esquecer, a raínha Maria Cristina, de Espanha, modêlo de soberanas e de mães, durante a menoridade de Afonso XIII.

E há mais, longe e perto de nós. Mas Deus me livre de fazer aqui um resumo de história.

Estes nomes chegam para reabilitar a mulher do conceito em que a têem certos homens.

E digo certos, porque felizmente há dêsses bipedes, alguns que não desdenham de fazer justiça ás qualidades de espírito e de energia do sexo frágil.

Frágil na aparência — gentil e graciosa, mas forte na vontade e na inteligência. Tem-se visto bem.

★

E creiam os nossos adoráveis parceiros que a mulher, mesmo quando não é ela o chefe, sempre os secunda na sua tarefa, quanto mais não seja, com a sua simpatia.

A nossa e sempre lembrada raínha D. Amélia não assinava expediente governativo, mas ajudava à conquista do povo, com a sua presença adorável e a sua bemfazeja mão.

E o que se viu agora na viagem das Magestades britânicas à América do Norte?

Que a raínha deixou por tôda a parte o rastro luminoso do seu sorriso, mais convincente do que as melhores diplomacias, e o seu lindo nome — Elizabeth — tem em cada coração um estojo precioso.

Não há arma mais forte do que um sorriso de mulher.

E quando essa mulher é raínha dum grande território não só pela extensão mas pelo valor, então é qualquer coisa de delicioso e de temível, ao mesmo tempo.

Não se preocupe a Holanda com a sua sucessão de mulheres, porque não lhe tem ido mal a vida, por isso.

E os senhores homens risquem lá da sua lembrança essa coisa do filosofo alemão, que não foi mais do que uma vingança.

MERCEDES BLASCO.

A rainha Guilhermina da Holanda num cortejo regionalista

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

S. Miguel — Escultura de Aveiro, pertencente a Cardoso Pinto

Teve Machado de Castro as suas grandes oficinas em Lisboa — as suas melhores escolas portanto — cheias de ajudantes, colaboradores e aprendizes, que foram os mais celebrados estatuários e barristas daquêle tempo, de sobejo conhecidos para que me dispense aqui de lhes citar os nomes. Não é, pois, para admirar, pelo grande número e pela excepcional qualidade dêstes colaboradores, a fertilidade notável das obras que nos legou, o que em parte justifica as famas correntes em tudo quanto se lhe atribue ingénuamente. Muitos dêsses ajudantes cooperaram nos presépios de sua autoria, e com ele, por certo, aprenderam engenhos, trazendo cada um por sua vez, as graças e talentos com que Deus os dotou, para benefício das obras que se lhe atribuem com lógicas de razão. Teve à parte alguns discípulos que lhe terminaram obras deixadas por completar, outros que independentemente dos ensinos o ajudaram quando para isso os chamava — Nicolau Vilela é um nome a reabilitar —, e muitos imitadores secundários que o público inculto confundiu nos seus julgamentos — João José Borges foi um dêles. E' justo destacarmos a colaboração do seu colega António Ferreira na composição de alguns dêsses presépios, artista dos mais distintos com personalidade e independência bastantes para ninguém considerar a sua obra como influenciada pela daquele, e também Joaquim José de Barros Laborão, discípulo de João Grossi e de João Paulo da Silva, mestres secundários que lhe deram as primeiras luzes na arte, e ajudante mais tarde de Raimundo da Costa, de João Crisóstomo Policarpo da Silva e de Manuel Vieira, acabando por dirigir a Escola de Mafra em substituïção de Giusti quando êste cegara, e que trabalhou com Machado de Castro em quási todos os seus presépios, notoriamente no dos Marqueses de Belas, quando o rearmou e completou com o pintor Joaquim Correia Viegas e os ajudante Joaquim António de Macedo e António Pinto, escultores das oficinas mafrenses. Sôb.e êste presépio, Affonso de Dornellas publicou um artigo bem documenlado no «Elucidario Nobiliarchico», onde deixou claramente expressa esta colaboração, assim como alguns traços psicológicos do artista que, morto em 1820, foi repousar na sala do capítulo de Santo António dos Capuchos, perto da campa daquele que abandonou os estudos para padre em troca das artes — o Padre João Crisóstomo —, o qual ainda muito moço já no Colégio de Santo Antão modelava imagens para seu prazer e espanto dos professores, jeito êste que desenvolveu só por vontade própria, pois que — dizem as famas — sem aprender os segrêdos do desenho, esculpiu, dourou e pintou muitas imagens de santos que se veneram ainda hoje em altares, e deixou um bom número de discípulos santeiros e encarnadores.

Pastores, dum presépio de Vizeu

O presépio que foi pertença de Pulido Garcia, e depois do capitalista Castro, e mais tarde de D. Francisco de Almeida, antes de vir para o Museu das Janelas Verdes, do palácio Farrobo, foi primeiro propriedade dos Marqueses de Belas, e como tal deve ser conhecido com justiça. Alguns estudiosos chegam mesmo a presumir ali estarem retratados êstes primitivos donos, no grupo atribuïdo a Joaquim José de Barros, seu principal colaborador depois do seu inventor, que foi Machado de Castro.

Este belíssimo presépio foi em parte decorado pelo pintor Pedro Alexandrino de Carvalho que, se não bastassem os documentos conhecidos e já publicados, nos deixou uma explêndida prova de certas figuras haverem sido modeladas no seu tempo e indubitàvelmente por Barros Laborão com quem tanto colaborou. É um desenho a tinta sépia, realçado a aguada, da sua mão e copiado dum grupo do referido projecto, onde por sinal se vêm três figuras, das quais desapareceu uma com o correr dos tempos, o que não é para admirar sabendo-se as bolandas em que esta linda obra-de-arte andou constantemente. Assim como desapareceu aquela figurita de garoto, outras se quebraram ou se desviaram de ali, vendo-se lá em certo recanto secundário um personagem modelado muito posteriormente, por certo em substituïção doutros desaparecidos. Ultimamente êste presépio sofreu alguns consêrtos, com deslocações de figuras que creio terem alterado a ordem primitiva, que, digamos assim, por alturas do seu acabamento por Joaquim José de Barros, foi um tanto ou quanto modificado. O desenho a que me refiro pertence igualmente à colecção do Museu das Janelas Verdes, e representa um tocador de gaita de foles, com mais duas figuras ao lado. É este personagem uma das mais belas esculturas do presépio, imitada doutra mais bela ainda do extinto presépio dos Marqueses de Borba, que Faustino Rodrigues modelou.

Se ela fôsse do engenho de Machado de Castro, por modo algum poderia copiar a dum discípulo, e este tampouco se dela fôsse copiada a poderia ultrapassar em beleza. Isto não quer dizer que Barros Laborão não fôsse um grande mestre, como se prova pelo formosíssimo relêvo em barro vermelho que o mesmo museu possue, assinado e de composição majestosa, modelado com preciosa e rara perfeição, que a escultura francêsa da época não criou melhor.

Sendo uma grande parte do presépio dos marqueses de Belas, obra de Barros e dos seus ajudantes, deve-se contudo a Machado de Castro, seu primeiro autor e inventor, devendo como tal incluir-se na sua obra e no agrupamento dos cinco que teimo em atribuir-lhe.

*

Machado de Castro deixou assinado o presépio que executou para o Beneficiado de Oliveira, hoje venerado na capela de Bartolomeu Joanes, na Catedral de Lisboa, que mais tarde foi maltratado, mas reconstituído e acrescentado com «visíveis adaptações que prejudicam o conjunto», segundo afirmou Matos Sequeira. É êste o único presépio, dos muitos que dirigiu e compôs, que deixou assinado: — «Joach. Machado de Castro inven. et fecit, 1766». É de presumir que Barros Laborrão nele tivesse colaborado, pelas muitas facilidades de habilidade que tinha em adaptar-se aos jeitos do mestre, ao ponto de não só no de Belas, mas neste e possivelmente noutros, os críticos confundirem o trabalho dos dois escultores. Existem aqui algumas figuras, mais arredondadas na forma e afrancesadas nos pormenores, que denotam as características de Joaquim José de Barros, o qual no Museu de Arte Antiga tem um relêvo magnífico e assinado por si, representando a «Glória e as Artes», modelado com uma graça delicada que notabilisou os maiores escultores franceses daquela época.

Presépio do Mosteiro de S. Vicente, por Machado de Castro

*

O presépio da basílica do Coração de Jesus, com 500 figuras dispersas no seu avantajado quadro, vindo do convento da Estrela, e que a tradição dizia ser do risco de António Ferreira, é também da autoria de Machado de Castro, segundo documentos existentes e num dos quais êste estatuário afirma ser o seu autor. É de crer que a boa colaboração dos dois artistas nesta obra, levasse o vulgo a atribui-la sòmente ao primeiro, ignorando quem contratou a confecção do presépio, agora fechado em camarim na Sala do Tribunal, no lado do Evangelho, naquela basílica que é um autêntico museu da obra religiosa de Machado de Castro. Além da colaboração certa de António Ferreira, ali, temos de acreditar na de muitos outros ajudantes de saberes desiguais, que lá trabalharam a meias e anònimamente, como convinha e era uso em tudo quanto saía das oficinas afamadas.

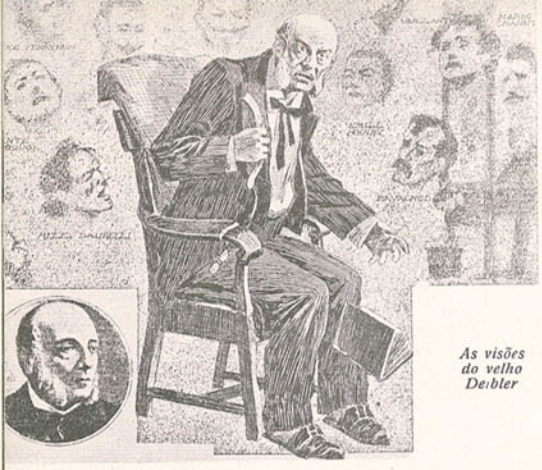
*

No presépio pequeno que pertenceu ao mosteiro de S. Vicente de Fora, residem muitos segredos de identificação, que por cotejos nos levam a afirmar a autoria de Machado de Castro não só neste, mas naquele a que adiante nos referiremos.

Diogo de Macedo

Pertenceu à antiga Academia de Belas Artes, que o atribuia a António Ferreira

OS REMORSOS DUM CARRASCO



As visões do velho Deibler

MORREU há mêses o sr. Anatólio Deibler, conhecido carrasco francês que, a-pesar de tudo, gozava de gerais simpatias.

Havia quarenta anos que exercia a sua sinistra profissão e sempre a contento dos juízes, não obstante terem-lhe recusado o aumento de vencimentos que solicitava.

Foi com grande sacrifício que conseguiu educar os filhos e os netos, podendo dizer-se que era um excelente chefe de família.

Exercia as funções de carrasco com a mesma naturalidade com que se desempenharia de quaisquer obrigações numa repartição do Estado.

Para êle tudo era serviço, e, como tal, não podia deixar de ser feito.

Um dia, sendo-lhe preguntado se não o preocupava a dúvida de ter executado algum inocente, respondeu com a maior convicção:

— Nunca tal me aconteceu... Naquêle momento supremo conhece-se bem o criminoso...

— Mas se mesmo em frente da guilhotina, se apercebesse de que ía executar um inocente? Que faria?

— O meu dever. As minhas funções não são de juíz, mas de carrasco. Cumpro a minha obrigação como se fôsse uma máquina, automàticamente, sem remorsos...

Deibler pensava assim e sempre assim pensou até ao fim da vida.

Por vezes, chegava a amenizar as suas macabras revelações com algumas anedotas engraçadas de que êle era o primeiro a rir como um perdido.

— Um dia — contava êle — tive de ir a Nemours executar um condenado. Preparei a guilhotina que seguiu numa carroça com os meus dois ajudantes. Nesse tempo ainda não havia os excelentes meios de transporte de que hoje desfrutamos. Tive de fazer o trajecto em diligência. Feita a primeira etapa da jornada, parámos numa estalagem que não tinha um quarto devoluto. Era no inverno, e ter de ficar uma noite em pé não me parecia coisa muito agradável. Sentei-me resignadamente à lareira, quando um caixeiro viajante me ofereceu a sua cama que, a seu vêr, chegava muito bem para os dois. Aceitei sem me fazer rogado, e seguimos acto contínuo para o quarto. Conversámos ainda um bocado, até que eu manifestei o grande empenho que tinha em me levantar cêdo, a-fim-de não perder a diligência que me deveria levar a Nemours. Salientei que por nada desta vida queria faltar.

— Grande pressa tem! — disse o meu companheiro intrigado com a minha insistência — parece que se trata de morte de homem!

— E' mesmo da morte de um homem que se trata! — objectei eu cada vez mais divertido com o espanto do meu sócio de quarto.

— Como assim? — inquiriu êle — o senhor é médico?

— Não, senhor. Sou o carrasco, e tenho de estar àmanhã de manhã em Nemours para guilhotinar um condenado à morte.

Não foi preciso mais. O homenzinho, quando se apercebeu da minha identidade, deu um pulo fóra da cama e agarrando na roupa que lhe pertencia, foi vestir-se lá para fóra. Eu ri a bandeiras despregadas, e pude estender-me à minha vontade na cama que tão gentilmente me havia sido oferecida.

E Deibler rematava assim:

— Que culpa poderia eu ter dos terrores do pobre homem? Ser carrasco não é ser um homem como outro qualquer? Eu desempenho as minhas funções como uma máquina, automàticamente e sem remorsos.

Assim pensava Deibler.

Outro tanto não se dava com seu pai, o velho Deibler, carrasco também, e que no fim da vida, roído de remorsos, tentou suïcidar-se.

Os jornais de há quarenta anos relataram êsse facto curiosíssimo, dando-lhe o maior relêvo.

O velho Deibler fôra durante trinta e cinco anos o encarregado de guilhotinar todos os condenados à morte tanto na França como na Argélia. Depois de ter cortado umas cento e sessenta cabeças, quis experimentar cortar a sua, acossado pelos remorsos.

Tentou cortar as carótidas com uma navalha que, tendo mau fio, não lhe serviu para realizar o intento e apenas lhe fez no pescoço um golpe pouco profundo. Entretanto, o velho Deibler jurava que havia de dar cabo de si, não obstante a rigorosa vigilância de que a família o rodeava.

Havia dois anos que o velho Deibler se retirara das suas funções de carrasco, ficando o cargo para seu filho que já desempenhava o de primeiro ajudante.

O velho Deibler, tendo amealhado algumas economias, julgou-se com direito a descansar os seus afadigados 78 anos de idade numa pequena casa dos arredores de Paris, como qualquer honrado comerciante que, após uma longa vida de trabalho, tivesse trespassado o estabelecimento e se decidisse a gosar um bem merecido repouso.

Sucedeu então um caso estranho: Esse homem endurecido que colocara à fôrça tantos pescoços debaixo do cutelo fatal e que sem a mais leve comoção via esvaír-se a vida dos réus por entre borbotões de sangue, sentiu-se de repente perseguido por espantosas visões da sua vida passada.

Os espectros das suas vítimas perseguiam-no constantemente, roubando-lhe o descanso e tornando-lhe impossível o sono.

Para fugir a êstes pesadelos, o velho Deibler decidiu matar-se.

Não era que aparecessem fantasmas ao antigo carrasco que era suficientemente inteligente para acreditar em superstições disparatadas.

Êle mesmo explicou a sua situação desesperada nos seguintes termos:

«Ou pela idade ou por falta de ocupação, a minha memória converteu-se na mais poderosa faculdade do meu cérebro. Noutros tempos recordava o passado, mas sem insistência, como sucede a tôda a gente. Agora, apesar de todos os meus esforços, é o passado que ocupa exclusivamente a minha imaginação, e fá-lo com tal vigor que a cada momento me parece estar presenciando novamente as cenas de sangue em que tenho tomado parte durante a minha longa vida. Volto a ver tudo isso como se de novo o tivesse diante dos olhos; o sangue que brota, os corpos que estremecem, os músculos do pescoço recem-cortados...

Recordam-se de como Carrara resistiu quando o fiz subir as escadas da guilhotina? Defendeu-se como um desesperado, suplicou, chorou, não queria morrer... Pois durante a noite oiço a sua voz na minha memória, com a mesma entonação e com o mesmo espantoso clamor dum homem forte e cheio de vida a quem arrastassem a colocar o pescoço debaixo do cutelo fatal. Continuo a ouvir os seus gritos de terror tais como os ouvi nessa manhã em que o justiçámos.

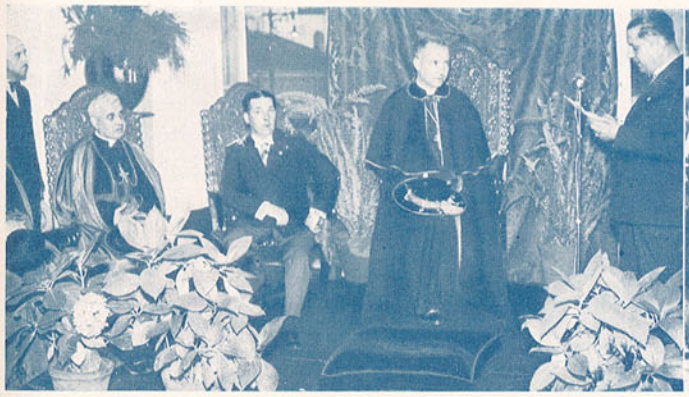
«Outras vezes invade repentinamente a minha memória a recordação de Maria Chamut, essa horrível mulher a quem executámos em Argel há dezoito anos. Oiço-a ainda amaldiçoando me a mim e a toda a minha raça. Escuto ainda o cutelo trespassar as carnes do pescoço e o som da cabeça caindo no cesto da serradura.

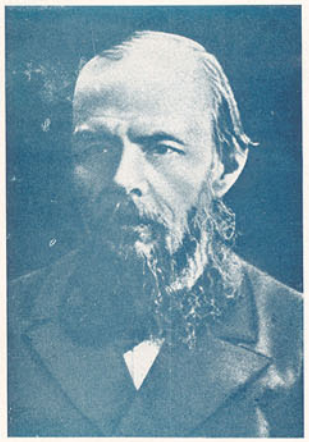
«Ora eu tenho na minha vida cerca de duzentas tragédias dêsse género, e quando na minha pobre cabeça se desvanece a recordação de uma, vem logo a substituí-la a recordação de uma outra mais espantosa ainda.

«Os meus sonhos são horriveis. Nêles vejo os meus justiçados. As suas cabeças cortadas fazem-me esgares do cesto ensangüentado em que cairam... Aquêles corpos decapitados saltam e estremecem como o de uma galinha à qual cortaram a cabeça. De todos êles brota sangue, umas vezes espadanando em jacto, outras em borbotões, e as mais das vezes inundando as tábuas do cadafalso como se fôsse entornado com um cântaro».

NOTAS DA QUINZENA

A visita da Missão Naval Portuguesa a Sevilha onde foi prestada homenagem aos mortos pela Causa Nacionalista. (1) o embaixador de Portugal, sr. dr. Teotónio Pereira (2) o comodoro Sousa Ventura (3) o governador da Andaluzia e (4) o consul de Portugal rodeados de oficiais portugueses e espanhóis. — *Ao centro:* No Congresso Eucarístico das Caldas da Rainha: A sessão de cumprimentos no Município e um aspecto da manifestação ao sr. Cardial Patriarca. *Em baixo:* O Círio da Carregueira à sua chegada à Atalaia





Dostoïewsky

A PENA DE MORTE — LEGADO BÁRBARO

Os que se salvaram dos horrores do patíbulo

A pena de morte é ainda o mais vergonhoso legado que os tempos bárbaros nos deixaram, e que tôdas as nações que ainda a utilizam como punição, têm de abolir a bem da Humanidade.

Sucede muitas vezes condenar um inocente, ao qual, decorridos anos, concedem a rehabilitação, abrindo-lhe as portas do presídio.

E se o tivessem executado?

Na Alemanha, há tempos, assassinaram uma criança que tinha ido visitar um tio. A vítima, para chegar ao seu destino, precisava de atravessar uma floresta, na qual foi encontrado o cadáver. Provou-se que a referida criança visitara o tio e que, pouco depois, saíra para regressar a sua casa. O tio saíra também, embora tomasse direcção oposta.

A quem aproveitava a morte da criança? Ao tio que viria assim a herdar do irmão. Onde é que o tio empregara o seu tempo? Onde esteve? Com quem falou? Nada disto o tio soube dizer, limitando-se a dizer que fôra dar uma vista de olhos a umas sementeiras que tinha em determinado local.

Quem o viu? Ninguém. Que testemunhas apresentava? Nenhuma porque ninguém o tinha visto.

Em conclusão: o crime foi dado como provado, e o réu foi condenado à morte e executado dias depois.

Estava feita justiça. O miserável tinha pago a sua dívida à Sociedade.

Decorridos meses, deu-se um crime idêntico, vindo a provar-se que o assassino fôra um mendigo que assaltava as crianças para lhes roubar qualquer objecto que pudesse ter algum valor. Apertado num rigoroso interrogatório, confessou outros crimes, entre os quais, o do assassínio da criança cujo tio fôra dado como criminoso.

Rehabilitá-lo? Como? O inocente tinha sido executado já!...

* * *

Citaremos, a propósito, alguns vultos de grande nomeada mundial que, tendo sido condenados à morte, conseguiram salvar-se, e obtiveram ainda os louvores de tôda a Humanidade.

Começaremos por Giuseppe Mazzini, o celebrado revolucionário italiano, que, com grande custo evitou o patíbulo.

Durante os seus estudos universitários em Genova, sua cidade natal, tomou parte activa nos círculos secretos onde se conspirava para proclamar a República. Destacava-se pelo seu temperamento fogoso, arrebatando as massas pela eloqüência da sua palavra. Ainda de verdes anos era conhecido por *carbonário indomável*.

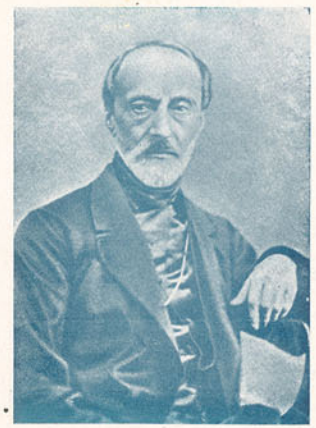
Em 1830, tendo vinte e cinco anos de idade, foi encarcerado, e nessa situação esteve durante onze longos meses. Foi, em seguida expulso da Itália, indo fixar residência em Paris. Ali tomou contacto com numerosos emigrados políticos, fundando a organização «La Giovine Italia» que fabricava folhetos e proclamações contra o Govêrno italiano.

Mazzini, dando largas à sua audácia, empreendia freqüentes viagens secretas à sua pátria, fundando círculos revolucionários em Génova, Milão, Roma, Nápoles, Turim e Florença.

Em 1834, rebentou na Itália uma sublevação que logo foi sufocada em sangue. Mazzinni, considerado a alma da revolta, foi condenado à morte. Mas, como nessa altura se encontrava em Genebra, conseguiu escapar-se. O Govêrno suísso, depois de várias hesitações, negou hospitalidade ao indómito revolucionário italiano que foi residir para Londres, centro da emigração política do mundo inteiro.

A revolução de 1848 permitiu-lhe voltar à sua pátria, onde recebeu um entusiástico acolhimento. O próprio Garibaldi foi dar-lhe as boas-vindas.

No ano seguinte, Mazzini foi eleito deputado, e meses depois membro do triunvirato encarregado da defeza de Itália invadida pela França.



Guiseppe Mazzini

Em 1852, como a política não lhe corresse de feição, voltou a refugiar-se em Londres, onde se tornou novamente a alma da emigração política. No entanto, sonhava regressar à sua Itália. Esse sonho não se realizou, pois morreu no desterro com sessenta e sete anos.

Génova, sua terra natal, levantou-lhe um monumento, possivelmente no mesmo local onde, poucos anos antes, lhe erguera um cadafalso.

Quási na mesma época vivia um outro grande lutador político — o húngaro Júlio Andrassy.

Além de ser um tribuno de fortes recursos, era um escritor de raro talento. A pena era a sua mais terrível arma. Os seus panfletos causavam sempre sensação e provocavam enorme escândalo.

Nascido em 1823, pertencia á alta nobreza húngara, o que não obstou que seguisse idéias libertárias.

Tal como Mazzini, tomava parte activa na actividade revolucionária, não só na Hungria, mas na França, onde vivera durante longos anos na qualidade de emigrado político.

Em 1850, sendo descoberta na Hungria uma conspiração urdida por Andrassy foi condenado à morte. Mas, como o condenado se encontrava nessa altura em Paris, foi enforcado em efígie. Com grande aparato o carrasco enforcou, ante as personalidades oficiais, o retrato de Andrassy.

Oito anos depois, sendo proclamada a amnistia, Andrassy regressou a Budapeste, onde foi recebido jubilosamente. Pouco tempo depois, era elevado a ministro, e em 1867 assumia as funções de Presidente do Conselho.

Em 1879, afastou-se da vida política, e dedicou-se à literatura. Uma das suas obras têm êste título sugestivo: *De como me enforcaram...*

Outro contemporâneo de Mazzini e de Andrassy, foi o conhecido poeta alemão Fritz Reuter, cuja alma revolucionária se manifestou desde a sua juventude.

Reuter, como discípulo ferveroso de Schiller, escrevia tambem poemas e tragédias históricas, concebidas com um espírito revolucionário. Um dos seus poemas intitulado *Abaixo os tiranos!* provocou grande celeuma. Em 1833, tendo Reuter vinte e três anos de idade, caiu nas malhas da lei e foi metido na prisão. Julgado por um Tribunal sumaríssimo, foi condenado à morte.

No pátio do cárcere estava já a ser levantado o patíbulo. Pela janela da sua cela, Reuter contemplava estes macabros preparativos. Faltava apenas um quarto de hora para que fôsse entregue ao carrasco. Nisto chegou a comutação da pena em trinta anos de presídio.

Ao cabo de sete anos, surgiu a amnistia, e Reuter, restituido à liberdade, passou a dedicar-se única e exclusivamente à literatura, alcançando, a breve trecho, grande renome.

O célebre novelista russo Dostoiewsky encontrou-se tambem à sombra nefasta do patíbulo.

Não era revolucionário. Pertencia a um círculo clandestino, cuja única actividade consistia em lêr e discutir as obras de Fourier, Saint-Simon e outros filósofos estrangeiros.

Em 1849, todos os membros dêste círculo foram encarcerados. O tzar Alexandre I, usando dum despotismo asiático, ordenou que um tribunal extraordinário julgasse os criminosos. Êstes tinham sido encerrados na famosa fortaleza de Pedro e Paulo, que ficava em frente do Palácio de Inverno.

Dostoiewsky, metido na sua cela, sob uma rigorosa vigilância, passou o melhor de oito meses.

Julgados os vinte e dois acusados, foram condenados à morte.

O tzar Nicolau que, de antemão, decidira comutar-lhes a pena, requintou a sua crueldade em anunciar-lhes o perdão apenas ao pé do cadafalso.

A cerimónia realizou-se na manhã de 22 de Dezembro, na praça Semenov que ficava nas proximidades do palácio imperial. Os soldados tinham formado quadrado em volta do patíbulo, onde se reüniam os representantes do Poder e os verdugos. Encontravam-se ali tambem uns carros negros contendo os caixões destinados aos cadáveres dos justiçados.

Um alto dignatário leu a sentença, soaram as trombetas e os verdugos apoderaram-se dos desgraçados. Depois de lhes enfiarem na cabeça capuzes negros encaminharam nos para os degraus do cadafalso.

Nenhum pormenor desta macabra farsada tinha sido esquecido. Só no derradeiro momento é que apareceu um enviado do tzar a anunciar o perdão.

Miguel Bakunine

Quando tiraram os capuzes aos desgraçados, verificou-se que a um dêles, jovem ainda, tinham embranquecido os cabelos. Outro enlouquecêra.

A Dostoiewsky foi comutada a pena em quatro anos de trabalhos forçados e deportação perpétua na Sibéria.

Os seus biógrafos afirmam que as terríveis horas que o grande escritor passou junto do cadafalso influiram imenso no seu estado psíquico e nas suas obras literárias.

Finalmente, outro russo conseguiu escapar da terrível carícia do verdugo. Foi Miguel Bakunine, o eterno rebelde, que lutára em vários países. Era conhecido na França, na Suissa, na Alemanha, na Áustria, na Inglaterra, na Itália, na Europa inteira enfim...

Onde quer que cheirasse a pólvora, lá estava êle a animar o combate.

Pelo seu nascimento, Bakunine pertencia à fina flôr da sociedade russa. No entanto seguia tendências muito diversas, chegando a afirmar: «Temos de fazer guerra sem quartel aos palácios e aos castelos!».

Forçado a fugir em 1847 da Rússia, refugiou-se em Paris, tomando parte activa nas lutas que ali se desenrolaram no ano seguinte. A sua figura adquiriu grande popularidade especialmente nos bairros humildes de Paris.

Apenas se dissipou o fumo da pólvora nas barricadas francesas, Bakunine seguiu para a cidade de Praga onde tambem estalára a revolução. Dali partiu para Dresde, onde lutou ao lado de Ricardo Wagner.

Derrotadas as fôrças revolucionárias, Bakunine foi encarcerado na fortaleza de Koenigstein e, no ano seguinte, condenado à morte.

Wagner, valendo-se das suas habilidades, conseguira escapar-se.

No entanto, Bakunine não foi executado. Os de Dresde decidiram remetê-lo a Praga, onde as autoridades tinham contas a ajustar com êle. Por sua vez, o govêrno russo insistia pela extradição do condenado, pois julgava-se no direito legítimo de dar cabo dêle. Os austríacos buizeram para si essa preferência e julgaram Bakunine, condenando-o à morte.

Sendo-lhe comutada a pena, o condenado foi recambiado para a Rússia, onde o encerraram na fortaleza de Pedro e Paulo. Ao cabo de oito anos de reclusão, foi deportado para a Sibéria Oriental donde conseguiu evadir-se para o Japão, seguindo depois para os Estados Unidos da América.

Já velho e doente, continuava na sua faina até que a morte, chegando em 1876, o fez sossegar.

Citaremos, por fim, Francisco Bazaine que nada teve nunca com movimentos revolucionários, professando até ideias conservadoras. Foi um dos mais fieis servidores de Napoleão III, e o seu homem de confiança.

Tendo escolhido a carreira militar, em 1863 era já marechal da França. Na expedição ao México desempenhou um papel preponderante, como fôsse o de deixar ao abandono o pobre imperador Maximiliano. Sete anos depois, Bazaine comandava as tropas francesas na guerra franco-prussiana. No dia 27 de Outubro de 1870, perto de Metz, capitulou com um exército de cento e setenta mil homens ante as fôrças superiores do inimigo.

Julio Andrasy

Após a queda de Napoleão III e a proclamação da República, o marechal Bazaine, acusado de traição, foi condenado à morte por um Tribunal sumaríssimo. Em vão tentou demonstrar que não se tratava de traição, mas do único recurso para não sacrificar vidas inutilmente. Os juizes mostraram-se inflexíveis.

O presidente da República, Mac-Mahon, comutou-lhe a pena em vinte anos de presídio. No outono do ano de 1872, Bazaine foi removido para a ilha de Santa Margarida. Decorridos dezoito meses, conseguiu evadir-se, indo fixar-se em Madrid onde morreu completamente esquecido quatro anos depois.

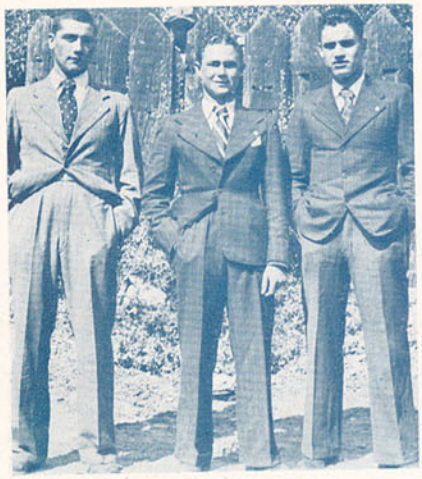
Foi melhor assim...

Marechal Bazaine

ECOS DA QUINZENA

Annabella e Tyrone Power, dois artistas notáveis do cinema passaram há dias por Lisboa, a caminho de Hollywood e que lamentaram não poder demorar-se em Portugal a fim de visitar êste belo País de que têm ouvido contar maravilhas

Na inauguração de importantes melhoramentos na Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria – *A' direita:* Os passageiros do avião gigante «Yankee Clipper» que se dirigiam a vários pontos da Europa, pouco antes prosseguiram viagem no «Sud-Express» munidos de máscaras anti-gás e capacetes de aço



Os componentes da equipa do Alhandra S. C. vencedora da 5.ª travessia a nado. – *A' direita*: A equipa portuguesa de esgrima que foi disputar o campeonato do Mundo da especialidade em Merano, a bordo do paquete holandês «Sibajak». A equipa é constituida pelos srs. dr. Rui Ferro Mayer (capitão), João Sasseti, Henrique Cunha da Silveira e Manuel Dias de Sousa Rodrigues, do Centro Nacional de Esgrima; dr. Arsénio Cordeiro, capitão Jorge Cesar Oom e Carlos Pereira Dias, da Sociedade de Esgrima de Espada

O CANO DE PRATA BRANCA DA CUSTÓDIA DOS JERÓNIMOS

O sr. dr. Martins da Silva Marques encontrou durante investigações que realizou na Torre do Tombo, um caderno de pequeno número de fôlhas, ao que parece fragmento de um volume de 370 páginas, segundo afirma êsse ilustre investigador, caderno que, sendo objecto da sua atenção e estudo, viu tratar-se do inventário de várias peças de prata, oiro e jóias, de grande merecimento. Logo à cabeça do rol vem indicada uma custódia feita com o oiro trazido de Quíloa, não sendo, por isso, difícil concluir-se que se tratava da custódia do Mosteiro de Belem, e feita por Gil Vicente.

O aparecimento dêsse documento causou, como é natural, grande alvorôço no sector de opinião culta, não sendo para estranhar a discussão que se tem feito à volta do notável monumento de ourivesaria e, bem assim, da sua reintegração.

Considero salutar tôda a discussão, sempre que a oriente um sentimento superior, isento de paixão doentia. No caso presente, não deve ser outro o sentimento que anima as pessoas que se ocupam do grande vulto quinhentista, quer se trate da sua identificação, quer se trate da sua obra de ourives e de poeta.

Relativamente à reintegração da custódia, e documento dado à publicidade pelo sr. dr. Silva Marques, nada trouxe de novo para as pessoas que a levaram a efeito. Mas para aquêles que desconheciam o cuidado que se observou ao realizar essa delicada tarefa, êsse documento é uma revelação cheia de interêsse que muito lhes aguçou a curiosidade.

E porque certos pormenores a que se refere o citado documento foram postos em relêvo com carácter mais ou menos alarmante, o ilustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, sr. dr. João Couto, apressou-se a expor em sessão pública as provas do que se havia feito ao proceder à referida reintegração, salientando a concordância dos dizeres do documento escrito em 1514, portanto ainda durante a vida de Gil Vicente, com os trabalhos efectuados pelos realizadores da reintegração. Quis, com isso, evitar erradas suposições, relativamente a um problema que havia sido resolvido com ciência e absoluta segurança e acêrto.

Em todo o caso, o aparecimento do documento em questão foi oportuno e dá público e seguro testemunho dêsse acêrto.

Regozijam-se com isso as pessoas que realizaram uma larga campanha a favor da reintegração, das quáis, aliás, apenas vive, se não estou em êrro, o sr. dr. A. Lopes Vieira.

Os realizadores, por sua vez, sentem-se satisfeitos por verem o seu trabalho confirmado por documento daquela época distante.

Mas o documento em questão, na parte que se refere à custódia, deu azo ou mecha para se reacender, como disse forte polémica à sua volta, polémica que resulta, a meu ver, do natural desconhecimento técnico por parte das individualidades que vieram à liça, impressionados pelas tais referências.

Esses pormenores foram, como já disse, esclarecidos por quem de direito. Não obstante, as dúvidas subsistiram em certos espíritos. Convém, porisso, insistir, divulgando os pontos de vista que mais possam influir para restabelecer o equilíbrio da opinião geral, tão perfeitamente, como fiel e perfeitamente foi realizada a reintegração da custódia — «reintegração» e não «restauração». Um dos pontos que mais impressionou as pessoas que examinaram a questão em debate, foi a referência a «um cano de prata branca com seu fecho...».

Várias hipóteses se formularam à volta da autenticidade e importância histórica do dito «cano», mas em nenhuma delas se encarou a função ou importância funcional do dito «cano». E como essa circunstância é fundamental para o exame do problema, convém destacar a referência ao «cano de prata» contida no inventário descoberto pelo sr. dr. Silva Marques, a-fim-de poder afirmar-se que a existência do cano de prata em questão não constitue nada de estranho, não só porque sempre ali existiu, porque era indispensável existir, aquêle ou outro. O sistema seguido na construção da custódia não podia dispensar o cano em questão, porque se trata de peça central e principal para segurança das peças que compõem a coluna que nasce na base ou pé, e liga esta à base central onde se vêem os doze apóstolos. A referência ao «cano de prata» faz-se, precisamente por ser de prata. Porque se fôsse de oiro como a custódia é, já a ela se não refeririam, nem para isso havia pretexto. Essa referência denota escrúpulo e faz supôr que o próprio Gil Vicente fez mensão especial dêsse facto para salvaguardar a sua responsabilidade. Daí se conclue também que, ou Gil Vicente deu conhecimento verbal da existência dêsse «cano de prata branca com seu fecho», ou há documento escrito pelo referido artista em que se encontra anotado êsse pormenor.

Se êste documento existiu, como é legítimo supôr, é também provavel que exista ainda, e que, de um dia para o outro, apareça, para completo esclarecimento do problema da indentificação do nosso grande poeta e ourives.

«O cano de prata branca com seu fecho» a que se refere a coeva notícia, é aquela que vai reproduzida na gravura que ilustra êste artigo. Como se vê, não se trata de um cano simples.

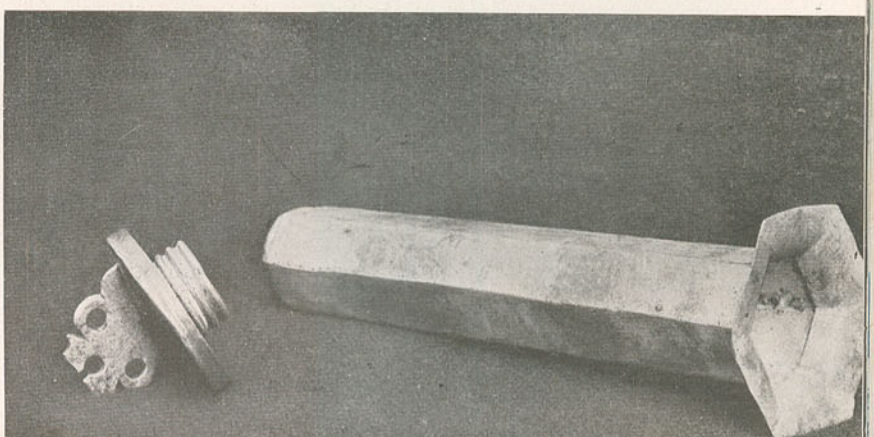
A sua exemplificação, se então tivesse havido a preocupação de descrever minuciosamente a sua forma, teria de fazer-se do seguinte modo:

«Um tubo ligeiramente cónico com seis faces, tendo o extrêmo mais largo dilatado em curva, formando lábio, e, no extrêmo mais estreito, uma tarracha com aparato de chapa, recortada, soldada de cutelo, ao centro da parte exterior da dita tarracha. Este tubo serve para prender a base do centro onde se apoiam os doze apóstolos, à base inferior ou pé da custódia, separadas, como estão, por seis anéis ornamentais, contendo, um dêles, seis esferas armilares».

Certo que quem escreveu o inventário agora aparecido não deu importância aos detalhes do «cano» por desnecessário, visto que o seu fim era acusar a existência de um «cano de prata». Houve simplesmente o cuidado de indicar um pormenor de grande importância para a honorabilidade do autor da custódia, e êsse objectivo foi atingido. Em face desta dedução, aquela referência deve ter sido da iniciativa de Gil Vicente, a-fim-de evitar que mais cedo ou mais tarde, quando fôsse encontrado, como agora foi, o seu aparecimento autorizasse a suposição de que, sendo a custódia tôda de oiro, demais a mais simbolizando um facto histórico da maior importância internacional, executada com o oiro trazido de Quíloa, êle Gil Vicente, maliciosamente tivesse feito o «cano de prata», guardando para si o oiro. A honradez de Gil Vicente atingia o paroxismo. Não me surpreende, portanto, o cuidado que teve. Essa nova prova da austeridade do seu singular carácter é, também, uma prova, particularmente valiosa, que o identifica como autor da custódia dos Jerónimos.

Agosto de 1939.

FERREIRA TOMÉ.



«O cano de prata branca com seu fecho»

O submarino «Taku»

OS TERRIVEIS SUBMARINOS — INSTRUMENTOS DE MORTE

A terrivel arma de guerra, constituída pelos submarinos, veio-nos demonstrar há pouco que, a-pesar do seu maravilhoso maquinismo, está ainda longe de ter atingido a perfeição, e com ela a confiança no seu grau de segurança.

Demonstrou-o por forma trágica, o desastre do submarino *Squalus*, da marinha de guerra dos Estados Unidos da América do Norte; o submarino *Thetis*, da marinha britânica e o submarino *Phenix*, da marinha francesa, totalizando em 200 vítimas, o número de mortos. Desde 1922 deram-se vinte desastres de submarinos, que causaram a perda de 987 vidas.

A história dos submarinos começa em 1620 com o nome de Cornelius Van Drebel, inventor holandês ao serviço de Jaques I, rei da Inglaterra, o qual construiu um barco que navegou no rio Tamisa, durante várias horas, a uma profundidade de 12 para 15 pés, movido por 12 remadores. O exemplo de Van Drebel foi seguido por outros construtores ambiciosos de fama e glória, durante os séculos dezassete e dezoito, quer apresentando os seus planos apenas em forma gráfica, quer realizando pràticamente as suas invenções; mas foi só pelos fins do século dezoito que os submarinos foram aproveitados como arma de guerra.

Em 1780 um submarino americano Turtle, da autoria de David Bushnell, tentava meter no fundo o navio de guerra britânico *Eagle*, ancorado no porto de Nova York, aparafusando no casco do barco uma carga de pólvora, que havia de explodir.

Não foi, contudo, possível aparafusar o projéctil ao barco, através da sua cobertura de cobre e o submarino abandonou a tentativa deixando explodir o projéctil sem causar dano.

Na noite de 17 de Fevereiro de 1864, durante a guerra civil da América do Norte, o barco inglês *Housatonic* que estava exercendo o bloqueio de Charleston, foi metido a pique por um torpedo de espigão, fixado acima da proa do submarino. Este afundou-se devido a uma abertura numa escotilha, vitimando os seus nove tripulantes. É com a perda do *Housatonic*, que se enceta a história dos barcos de guerra torpeados e perdidos, vítimas dos terríveis submarinos.

O submarino português «Delfim»

Tanto na Inglaterra como na França trabalhou-se muito no aperfeiçoamento desta arma de combate; o progresso foi vagaroso mas eficaz, até que por fim as autoridades militares dos dois países decidiram que o submarino tinha atingido tal desenvolvimento que permitia a sua inclusão nas respectivas marinhas de guerra.

O submarino é, em resumo, um barco que navega à superfície das águas, que possue a faculdade de se submergir por vezes e de novo regressar à superfície. Normalmente o submarino passa a maior parte do tempo à superfície, como qualquer outro barco. Mergulha ùnicamente para se esconder com o fim de atacar ou evitar perígos ameaçadores.

O seu raio de acção, debaixo de água, é em geral de umas cem milhas ou pouco mais, mas pode permanecer imóvel no leito do mar, durante periodos, que vão até três dias, conforme o tamanho do barco e a sua provisão de ar em depósito. A-pesar-de esforços e tentativas humanitárias para abolir esta traiçoeira arma de guerra, ela continua a gozar de grande favor oficial como meio terrível, tanto no ataque como na defeza. As sete marinhas de guerra mais importantes, no momento actual, possuem entre si 447 submarinos, construidos na sua grande maioria desde a Grande Guerra. O submarino francês *Surcouf* é de todos o maior e desloca 2.880 toneladas e o mais pequeno é o finlandês *Saukko*, que desloca apenas 99 toneladas. Entre as potências secundárias distribuem se mais uns cem submarinos.

O submarino, na sua forma actual, é o produto de três trabalhadores nesta especialidade: Robert Whitehead, inglês; John Holland, irlandês e Maurice Lebeuf, francês.

Whitehead, aperfeiçoou o torpedo locomotiva; forneceu a arma ideal para o ataque debaixo de água e tornou inevitável o desenvolvimento de um barco para conduzir o torpedo à acção.

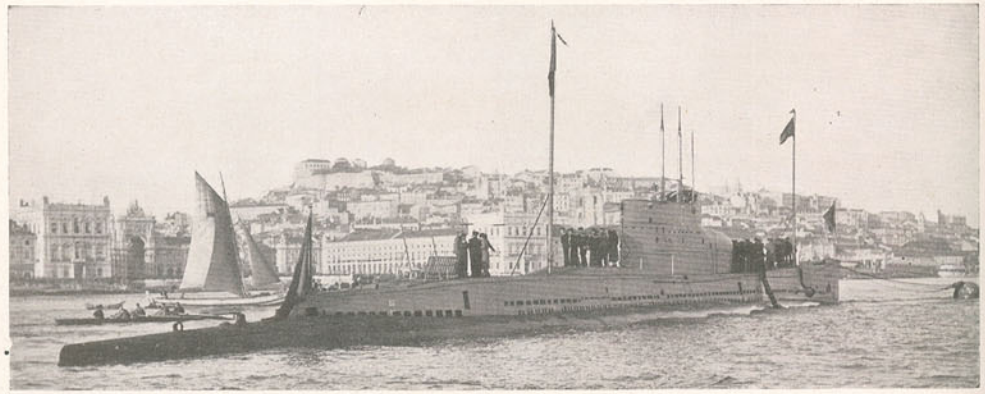
Holland e Lebeuf, que trabalharam independentemente, aproveitaram com inteligência na experiência de pioneiros anteriores e pouco conhecidos.

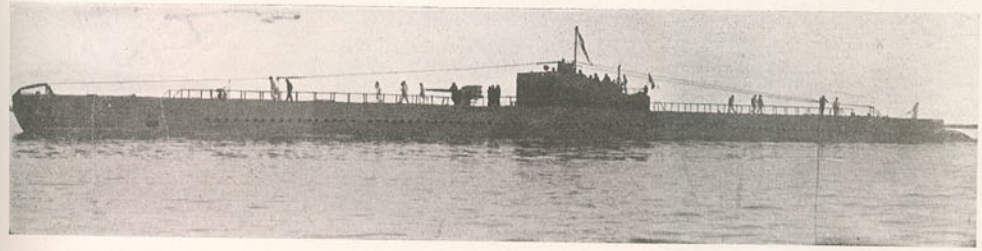
Aproveitaram-se do plano, cujas características estruturais estão incorporadas no submarino actual. O submarino possue tanques para onde se introduz a água do mar até á quantidade necessária para lhe fazer perder a faculdade de se conservar à superfície. Quando os tanques se enchem o barco afunda-se, devido simplesmente à ausencia daquela faculdade ou ainda devido á acção combinada de motores electricos e lemes horizontais. E' necessária uma velocidade de quatro nós marítimos para pôr os lemes em acção mas desde que o barco se encontre sob essa acção pode navegar com segurança ou conservar-se imovel a qualquer profundidade, dentro dos limites que a sua construção lhe impõe. O limite depende da capacidade de resistência do barco à pressão do barco. A maior profundidade conhecida atingida até hoje pelos submarinos é de pouco mais de quatrocentos pés. Para resistir á pressão da água a uma tal profundidade são necessários barcos de um grande poder de construção, e se o barco atingisse uma maior profundidade corria o risco, com resultados fatais, de ser esmagado pela pressão da água, que por todos os lados o rodeia. Para trazer o barco à superfície, após a imersão, colocam se os lemes horizontais na situação vertical e põem as helices em acção. Está claro que não temos a pretensão de fornecer ao leitor indicações técnicas precisas sôbre o assunto; não temos para isso a competência necessária. Há tratados onde o leitor curioso pode encontrar as rigorosas noções científicas a respeito do interessante maquinismo desta arma destruidora. Para subir à superfície expele a água dos tanques, por meio de ar comprimido, e adquire de novo a faculdade, de que dispõem os corpos menos pesados que a água que deslocam, de se conservarem à superfície das águas. A' superfície o barco navega e cede á manobra comum a todos os outros barcos. Debaixo de água pode ver o que se passa á superfície por meio do único orgão visual que lhe resta, que se chama periscópio e que do interior da embarcação pode ser elevado até uns 30 pés em altura. Quando, porém, a embarcação se encontra a uma profundidade superior à indicada, tem de prescindir dos serviços do periscópio. Esta falta de visão é compensada por um sistema de indicação de sons. O periscópio é não só o orgão visual do submarino, quando navega dentro dos limites impostos pelo próprio periscópio, mas serve também e é de grande utilidade para o lançamento dos torpêdos. A velocidade de um submarino debaixo de água raramente vai além de dez nós marítimos e por meio do periscópio é muitas vezes difícil calcular a velocidade de um barco inimigo, que se aproxima. Realmente na prática do lançamento de torpêdos necessita-se especial habilidade e longa experiência. A-pesar das suas relativamente diminutas dimensões, o submarino dispõe de um largo raio de acção à superfície em consequência das suas máquinas especiais que vão longe com pouco dispêndio de combustível. O submarino exige tripulação robusta própria para um serviço que demanda especial resistencia; o espaço para arrecadação de torpêdos, e oficinas bem apetrechadas para a reparação imediata do seu complicado maquinismo. A marinha de guerra portuguêsa possue trez submarinos: o «Delfim», o «Espadarte» e o «Golfinho», que foram construídos na Inglaterra, pela casa construtora Wickers, em 1934, 1935 e compõem a nossa esquadrilha de submarinos com base em Belém, sob a direcção do distinto oficial de marinha, sr. capitão de fragata Nuno Frederico de Brion. São trez barcos gémeos, todos trez completamente iguais: cada um deles mede 69m,30 de popa á proa, e dispõe de uma tonelagem de 914,2 cada um; a sua tripulação consta de 36 homens ou seja 4 oficiais e 32 sargentos e praças; dispõem de uma peça Wicker de 101 mm,6 de calibre, 6 tubos lança torpêdos e são movidos a oleo por motores Diesel. A sua velocidade à superfície da água é de 17 milhas e de 9 milhas em imersão; fazem parte actualmente das manobras das fôrças navais em exercício. São barcos novos que têm viajado pouco: o «Delfim» e o «Espadarte» já tomaram parte nas manobras do ano passado e o «Golfinho» já foi este ano, em viagem de cruzeiro, à Madeira, Cabo Verde e Guiné.

ADOLFO BENARÚS

O submarino alemão «U-25»

O submarino francês «Phenix»





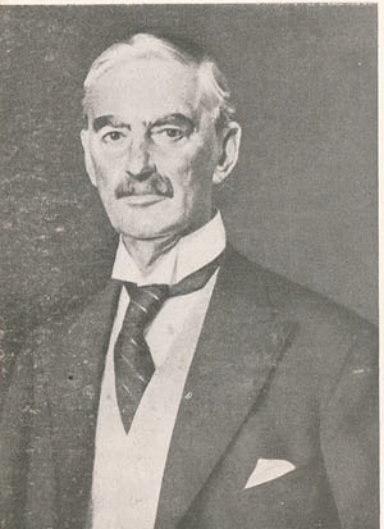
FIGURAS DA ACTUALIDADE

O rei Jorge VI de Inglaterra, falando aos seus 360 milhões de subditos, após a declaração de guerra à Alemanha, disse: «Procuramos por todos os meios possíveis e pacíficos solucionar as divergências que se levantavam entre nós e aqueles que são agora nossos inimigos.

«Mas foi em vão. Encontramo-nos atirados, forçosamente, para o conflito, pois somos chamados com os nossos aliados a levantar o desafio dum princípio, que a não ter resposta seria fatal para tôda a ordem civilizada do Mundo.

«Mas há mais: os povos do Mundo inteiro viveriam continuamente sob o império do mêdo e não seria permitida esperança alguma de paz assente na segurança, justiça e liberdade entre as nações.

«É esta a ameaça que pesa sobre nós. Por tudo quanto nos é caro, no interêsse da ordem mundial e da paz, não podemos pensar em não responder ao desafio».



Forster, «gauleiter» de Dantzig, enviou a Hitler o seguinte telegrama: «Acabo de assinar e pôr em vigor a lei fundamental seguinte a respeito da reunião de Dantzig ao Reich alemão: artigo 1.º — Fica anulada a constituïção da Cidade Livre de Dantzig, com efeito imediato; artigo 2.º — Todo o poder do Estado e poder executivo ficam de posse do Chefe do Estado; artigo 3.º — A cidade livre de Dantzig constitue, com todo o seu território e todo o seu povo, parte integrante do Reich alemão, e isto com efeito imediato; artigo 4.º — Até à introdução do direito alemão pelo Führer tôda a legislação que se mantém em vigor.

Staline e Hitler em atitudes habituais

Hitler disse: «O Pacto de Não-Agressão consultivo com a Rússia dá-nos a garantia de uma política pacífica com êsse grande Estado... Se fizerdes o vosso dever, a luta terá terminado dentro de semanas a leste e a fôrça de um Estado de 90 milhões estará atrás de vós!»

Noutro discurso afirmou:

«Gastámos mais de 90 biliões na organização do nosso Exército. Se apelei para êsse exército tenho também o direito de pedir sacrifícios ao povo alemão.

«Não peço a nenhum alemão aquilo que eu próprio não esteja disposto a fazer. Não haverá privações na Alemanha qne eu próprio não suporte. Eu mostrar-me-ei como primeiro soldado do Reich. Eu próprio envergarei o uniforme que para mim é o mais sagrado, o mais querido. Não o despirei senão depois da vitória.

«Se me suceder alguma coisa, Goering será o meu sucessor. Se suceder qualquer coisa a Goering, Hess suceder-lhe-á. Finalmente, se alguma coisa suceder a êste, o Senado escolherá o mais bravo.

«Como soldado que sou, marcho para o combate com coração valente. A minha vida foi o combate de levantar a Alemanha.

«Há uma palavra que eu ignoro: a capitulação. Desejo garantir a todo o Mundo que me ouve que jàmais haverá outro 9 de Novembro de 1918. Não é a hora de nos pedirem para fazermos votos. Não é a hora de nos ocuparmos de atmosféras. É a hora do cumprimento do dever. Espero das mulheres alemãs que se integrem na comunidade nacional com disciplina de ferro. Se forjarmos essa comunidade, se nos resolvermos a nunca capitular, jàmais morreremos. «Deutschland! Sieg Heil!

Á esquerda: *Neville Chamberlain, chefe do govêrno Britânico* — Á direita: *o generalissimo Brauchistch, comandante supremo de Dantzig.* — Ao centro: *o cordial aperto de mão entre Staline e Ribentrop após a assinatura do Pacto Germano-Russo*

Á direita: *o marechal Smigly-Ridz, comandante do Exército polaco que está opondo a mais tenaz resistência ao avanço das tropas alemãs. Será êste o futuro Presidente da Polónia* — Em cima: *Moscicki, Presidente da Republica Polaca*

Mr. Alberto Lebrun, Presidente da Rèpública Francesa. *Em baixo:* **Daladier,** chefe do Governo Francês, que no momento da declaração de guerra dirigiu uma alocução ao povo: «Desde o dia 1 de Setembro — disse — a Polónia foi vítima da mais brutal e da mais cínica das agressões. As suas fronteiras foram violadas. As suas cidades são bombardeadas. O seu exército resiste heròicamente ao invasor. A responsabilidade do sangue derramado recai inteiramente sôbre o Govêrno hitleriano. A sorte da paz estava nas mãos de Hitler.

«A Alemanha quere, pois, a destruïção da Polónia, a-fim-de poder obter, em seguida e com rapidez, a sua dominação sôbre a Europa e escravizar a França. Erguendo-nos contra a mais horrorosa das tiranias e honrando a nossa palavra lutamos para defender a nossa terra, os nossos lares e a nossa liberdade. Tenho a consciencia de ter trabalhado sem tréguas nem descanso contra a guerra até o último minuto.

A entrada triunfal do rei da Polónia, João Sobieski, na cidade de Viena que libertou das garras dos turcos

Quando a heróica Polónia veio salvar a civilização europeia

A coragem, a tenacidade e a ternura do rei João Sobieski

HÁ duzentos e cinqüenta e seis anos feitos no dia 12 do corrente — foi Viena de Austria libertada pelo rei polaco João Sobieski.

Repetir-se-á a história?

Agora, que a Polónia se bate pela sua independência, vem a-propósito evocar a figura lendária dêsse herói.

Encontrando-se em Constantinopla, João Sobieski soube da morte de Ladislau Wasa e da derrota de Pilawiec que arrastaria a Polónia à sua ruïna.

Regressou a Varsóvia, pegou em armas, e desde então a vida de João Sobieski foi uma verdadeira epopeia.

A Polónia encontrava-se invadida pelos seus visinhos que planeavam — tal como sucede agora — dividir o território entre si.

Surgiu o «libertador da Pátria», o invencível João Sobieski.

Quando entrou em triunfo na cidade de Varsóvia, por entre as aclamações entusiásticas do povo redimido, o rei da Polónia organizou festas em honra do herói.

Esbelto, garboso, João Sobieski era o ídolo das mulheres. Todos os olhares femininos se fixavam nêle com admiração. As damas da côrte cubiçavam-no, mas só uma teve o condão de o apaixonar — a formosa Maria Casimira, dama de honor da raínha que a levara consigo da França.

Era aquela a única paixão do herói.

A duquesa de Nevers, tendo casado com o rei Ladislau da Polónia, fez-se acompanhar pela sua governante e grande amiga, marquesa de Arquien e sua filha Maria Casimira. A sua côrte em Varsóvia era espaventosa e magnificente.

A infância de Maria Casimira foi decorrendo nos palácios reais de Varsóvia e Cracóvia, mimada como se de uma princesa se tratasse. Formosa, ambiciosa e inteligente, tornou-se favorita da raínha Luíza, tomando a categoria de dama de honor quando completou os dezasseis anos.

Foi então que João Sobieski a viu e se apaixonou.

Como a jóvem correspondia ao seu amor, o herói pediu-a em casamento. Foi-lhe recusada, visto a raínha ter prometido já a sua mão ao velho Jacob Radziwill, príncipe de Zamoski, palatino de Sandomir e um dos mais nobres senhores da Polónia.

A-pesar do desespêro de Maria Casimira, que suspirava por Sobieski, o velho príncipe de Zamoski empolgou a presa com a crueldade dum gavião arrebatando a tímida pomba.

Sobieski voltou aos campos de batalha, conquistando sempre novas vitórias. Não se esquecia nunca de mandar cartas ardentes a Maria Casimira, chamando-lhe a sua Mariasinha «bem-amada».

Êstes amores ocultos duraram sete anos. Sobieski estava na disposição de fugir com a sua amada para a França, tanto mais que Luíz XIV lhe oferecera os títulos de príncipe e marechal se consentisse em servir no exército francês. Nisto, faleceu o velho príncipe de Zamoski.

A raínha Luíza, tendo caído em si, fôra a primeira a lamentar a sua crueldade de atirar com a sua jóvem protegida para os braços esqueléticos e trémulos do velho titular.

Conhecendo os secretos amores de Maria Casimira e João Sobieski, casou-os secretamente, a-fim-de se guardar a decência do luto. Abençoou esta união o núncio apostólico, que viria a ser, depois, o papa Inocêncio XI.

Tendo Sobieski sido nomeado grande marechal da corôa francesa, Maria Casimira, sua esposa, foi recebida com grande pompa em Versalhes. O magnificente Luíz XIV quís ser padrinho do primeiro filho, tendo-lhe posto o nome de Jacques-Luíz.

O rei João Sobieski da Polónia

Mas a estrêla dos Sobieski parecia empalidecer: a boa raínha Luíza falecera, e o rei abdicara. A Dieta polaca elegeu Miguel Wiewnoski, que, invejoso da glória do marechal, o intrigou tão infamemente que lhe pôs a cabeça a prémio, não obstante os seus altos serviços à Pátria. Sobieski acabava de libertar 300 mil cativos polacos e dispersar um exército de 100 mil tártaros!

Maria Casimira velava, no entanto. Valendo-se da sua astúcia, conseguiu reünir, pelo seu lado, a maioria dos senadores. Conseguido isto, chamou o marido a Varsóvia e apresentou-o como o herói nacional que acabava de fazer anular o infame tratado de Boudchaz, concluído pelo rei Miguel, e que entregava ao inimigo as províncias da Ukrânia e da Podólia.

Os cofres do Estado estavam exaustos. Sobieski hipotecou as suas propriedades para equipar as suas tropas, alcançando a famosa vitória de Choczim em 11 de Novembro de 1673, que ficou sendo considerada uma das mais célebres batalhas do século XVIII. Vinte mil bárbaros caíram mortos no campo de batalha, além de dez mil que se afogaram nas águas do rio Dniester.

O rei Miguel morrera nêsse mesmo dia, e o marechal entrára triunfalmente em Varsóvia.

Na sessão da Dieta todos os senadores o aclamaram desta maneira: «Viva Sobieski! Será o nosso rei ou morreremos todos!»

Desoito mêses depois, em 1 de Fevereiro de 1670, o rei Sobieski e a raínha Maria Casimira fizeram a sua entrada em Cracóvia no meio de aclamações entusásticas. Não se faz uma idéia da pompa extraordinária que essa entrada revestiu! O cortejo abria com escravos etíopes e orientais vestidos de azul; seguiam-se os polacos com os seus trajos de púrpura, o exército em grande uniforme, carruagens vistosas, homens e cavalos ostentando pedrarias que valiam fortunas. A raínha, coberta de peles preciosas e jóias esplêndidas, dava a impressão dum ídolo.

A raínha Maria Casimira

No dia seguinte, na velha catedral, João Sobieski e Maria Casimira receberam a sagração, tendo-lhes o Primaz colocado na fronte a corôa dos Piat. As festas duraram muitas semanas.

Mas os inimigos da Polónia voltaram à carga. João Sobieski deixando as púrpuras reais pela sua armadura de guerreiro, colocou-se à frente do seu exército de 38 mil homens que ia enfrentar 200 mil inimigos. Mais uma vez venceu, apesar da inferioridade do número, recuperando dois terços da Ukrânia e da Podólia.

Foi assinado um tratado de paz que durou sete anos.

A formidável carga de cavalaria dada sôbre Viena pelo rei polaco João Sobieski, que pôs em debandada as poderosas hostes do visir Kara Mustafá

O rei Sobieski libertando Viena, num verdadeiro avanço de anjo exterminador. Kara Mustafá, chefe inimigo, fugiu tão precipitadamente que perdeu um estribo na fuga

Nesta altura, a Cidade Livre de Dantzig, repelindo o jugo dos teutónicos, pediu ao rei da Polónia que viesse arbitrar nas divergências que tinham surgido entre os magistrados e o seu povo.

O rei João Sobieski acedeu, e, acompanhado pela raínha Maria Casimira, fez a sua entrada na Cidade Livre de Dantzig.

Os cidadãos dantzigotas gritavam entusiasmados:

«— Viva o nosso rei!... Finalmente que a Alemanha não terá mais a sua execrada guarnição na nossa cidade. A espada do nosso rei nos defenderá!»

Durante seis meses, o rei Sobieski prègou a concórdia, arbitrou com justiça nos conflictos pendentes e pacificou a cidade a contento de todos.

Entretanto, a raínha dava à luz o seu segundo filho, que tomou o nome de Alexandre.

Chegara o momento da libertação de Viena.

Em Março de 1683, as tropas turcas, comandadas por Kara Mustafá, invadiram o império austríaco que pretendiam aniquilar. Cinco mêses depois, os muçulmanos estavam ás portas da capital austríaca. O imperador Leopoldo I, espavorido com a primeira derrota das suas tropas, fugira de Viena, indo pedir auxílio ao seu amigo e aliado João Sobieski, rei da Polónia, cuja fama guerreira èoava já em todo o mundo. Os príncipes alemães, vendo o perigo da apróximação dos turcos, ofereceram os seus soldados ao guerreiro polaco para que os comandasse.

Por sua vez, o heróico rei João Sobieski, na ânsia de salvar o cristianismo europeu pelo seu próprio esfôrço, avançou com o seu exército polaco sem esperar pelos reforços alemães e lituanos, e só parou em frente de Viena. Juntou a si as tropas austríacas e ocupou os pontos estratégicos.

Na noite de 11 de Setembro resolveu mudar de posição e atacou de surpresa o inimigo que não resistir a ao golpe.

Com efeito, assim sucedeu. Os turcos, desorientados, puseram-se em fuga. O próprio visir Kara Mustafá, que devia dar o exemplo de coragem às suas tropas, fugiu tão precipitadamente que deixou caír um dos seus estribos de oiro que o rei da Polónia enviou a sua esposa a anunciar-lhe a vitória.

E, assim, o rei da Polónia salvou a Europa cristã da invasão turca.

Mas João Sobieski não alardeava façanhas. No dia seguinte, limitou-se a escrevar, da própria tenda de Kara Mustafá, estas singelas palavras dirigidas ao Papa Inocêncio XI — o mesmo que o casara com a sua «Mariazinha bem-amada»: «Veni, vidi — Deus vicit».

A fama de João Sobieski abrangia já o Universo.

A Hungria, patenteando a sua admiração entusiástica, ofereceu o seu trono ao príncipe Jacques, filho mais velho de Sobieski. Mas o jóvem mostrou-se digno de seu pai, declarando:

— Recuso porque um polaco tem apenas uma pátria — a Polónia!»

A côrte tornara-se um dos centros mais brilhantes da Europa. Nobres es-

O quarto do rei João Sobieski, no palácio de Wilanow, vendo-se a secretária oferecida ao soberano pelo papa Inocêncio XI

Sêlo comemorativo do 250 aniversário da libertação de Viena, e que mostra o culto que os polacos têm pelo seu rei Sobieski

trangeiros, escritores e artistas iam em peregrinação à capital polaca, a-fim-de contemplar o herói de tantas vitórias. João Sobieski falava oito línguas, interessava-se pelas artes e pelas ciências, era um músico de engenho, um pintor de gôsto, e dedicava-se também à filosofia.

A raínha, sempre bela e majestosa, habituara os seus palacianos á etiqueta francesa. As suas toilettes iam de Paris e as suas jóias dos joalheiros mais famosos da Europa.

Maria Casimira, em meio de tanta opulência, não se esquecera da sua família: seu pai, tendo enviuvado, conseguiu o chapéu cardinalício; seu irmão mais velho era o capitão de guardas do rei da Polónia; seu cunhado, o conde de Selles, foi nomeado embaixador da França em Varsóvia. Restava-lhe colocar sua irmã Ana, mais nova que ela. Essa, casou-a com o conde de Wielpolski, grande chanceler da côrte.

Quanto ao filho mais velho, casou-o com a princesa Hedviges da Baviera, cunhada do imperador da Áustria. E, desta maneira, a casa Sobieski ficou ligada a tôdas as côrtes da Europa.

João Sobieski, sempre loucamente apaixonado por sua espôsa, enlevava-se a admirar-lhe a coragem.

Encontrando-se doente no pôsto avançado de Jaslowicz, a dez léguas, se tanto, do campo tártaro, correu a notícia de que o inimigo pretendia apoderar-se dêle, utilizando os barcos do rio Dniester. Pois a rainha Maria Casimira correu a socorrer o marido, afrontando corajosamente todos os perigos, enquanto as suas damas desmaiavam de pavor.

Mas, o fatal momento havia de chegar.

No inverno de 1696, o rei Sobieski adoeceu gravemente. Passava já dos setenta anos, e aquêle poderoso organismo rendia-se por fim. O que o inimigo não conseguira no campo de batalha com os seus ardis e astúcias preversas, conseguira-o o Tempo com a sua foice inexorável.

Ainda assim resistia, resistia sempre... Decorrera a primarera por entre a qual acalentara algumas esperanças.

Finalmente sucumbiu em 17 de Junho, no próprio dia em que completava 72 anos de idade. Expirou mumurando docemente: «Mariazinha, minha bem-amada!»

Estas carinhosas palavras resumiam tôda a sua vida gloriosa.

O elogio fúnebre do soberano foi proferido por Estanislau Leczinski, que enalteceu a memória do «maior dos polacos, bravo entre os bravos, sempre justo e tão tolerante que os gregos ortodoxos, os protestantes e os judeus viveram sempre em paz durante o seu reinado de vinte e três anos».

A tôrre da Câmara Municipal de Dantzig

A dôr da rainha foi imensa. Por sua vontade, teria ficado na Polónia que a atraía por tantas recordações saüdosas, mas a Dieta expulsou-a indignamente, receando que ela levasse um dos seus filhos a cingir a corôa.

Maria Casimira seguiu para o exílio. Durante alguns anos residiu em Roma com seu pai, o cardial de Arquien, e com seu filho Alexandre.

Mas as suas desventuras não tinham cessado ainda. Após a morte do pai, morreu-lhe o filho.

Com a alma dilacerada, dirigiu-se para a França, e foi residir no castelo de Blois, a algumas léguas do seu torrão natal.

Ali se dedicou à sua neta Maria Clementina que viria a casar com Jacques Stuart, rei de Inglaterra.

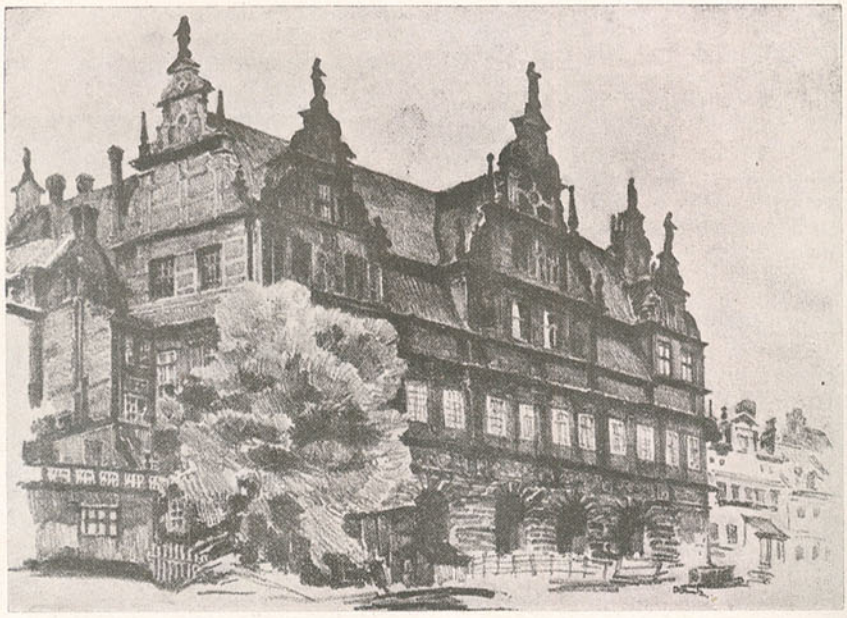
No día 30 de Janeiro de 1716, tendo setenta e cinco anos de idade, expirou docemente, murmurando, numa suave permuta, o nome do seu «Sobieski, bem-amado!»

Segundo as suas derradeiras vontades, os seus restos mortais foram transportados para a Polónia, a-fim-de ficarem junto dos daquêle que tanto amara, e que, sendo o mais glorioso conquistador do seu século, tivera imensa honra em ser tôda a vida o seu escravo mais fiel.

Nessa altura, a Polónia não lhe recusou a última morada como lhe recusara a residência em vida.

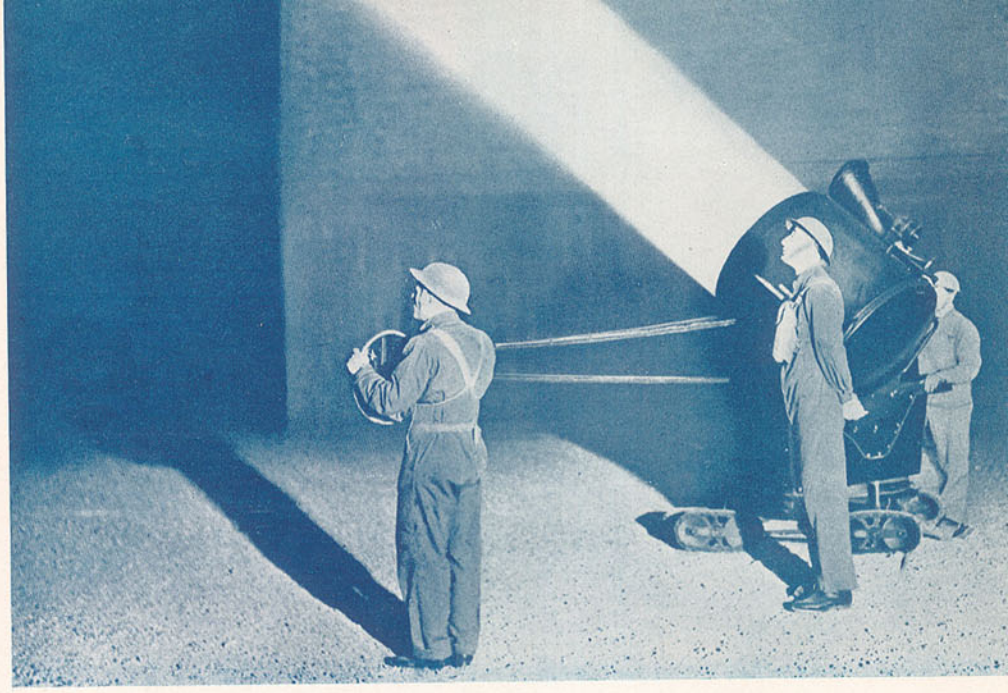
Que se ela hoje vivesse, teria realizado um milagre: iria acordar ao túmulo o seu amado Sobieski que, por um prodígio de amor, se levantaria a libertar novamente a sua querida Polónia. O herói, sacudindo a mortalha empoeirada por dois séculos e meio, mais uma vez salvaria a sua pátria.

... E daí — quem sabe? — pode ser que João Sobieski ressuscite!...



Residência dos reis da Polónia em Dantzig construida em 1564

ASPECTOS DA GUERRA



EM CIMA: A defesa anti-aérea de Londres tem hoje como preciosos auxiliares potentes focos pesquisadores para descobrir os aviões que se aproximem. — AO CENTRO: Uma impressionante manobra de tanks ingleses, avançando com rapidez por entre nuvens de metralha. Desta maneira mostram a sua eficiência e invulnerabilidade. EM BAIXO: A saída de crianças de Londres, na previsão de qualquer bombardeamento aéreo. Repare-se que os pais se despedem dos filhos, sorridentes, com a maior confiança, como se estes fôssem para um simples passeio de praia

Madame Du Barry — retrato por Drouais

«No decorrer dêsse almôço, tendo a acusada insistido, repetidas vezes, com os oficiais para que êles lhe dissessem a razão porque haviam detido em sua casa o chamado Labondie, os ditos oficiais responderam-lhe que o ignoravam, pois, até à data da detenção, nem sequer conheciam tal homem.

«Imediatamente a *acusada* e um dos seus escudeiros lhes pediram que declarassem por escrito essa afirmação. Foi a própria testemunha a pessoa escolhida para redigir e escrever essa declaração, que foi assinada por todos os oficiais da municipalidade de Louveciennes que se encontravam presentes. Nessa mesma tarde Labondie, era posto em liberdade.

«Mas tendo-lhe Salanave, mordomo da acusada, feito ver quem era na realidade Labondie, isto é, um aristocrata (antigo comissário da marinha em Rochefort), cujos pais haviam emigrado, e que tinha vindo para Louveciennes com

O negro Zamora

um passaporte, segundo todas as probabilidades falso, pois apresentava a data do visto posto pela municipalidade de Paris anterior à da municipalidade de Rochefort, reconhecera que existiam, realmente, todos os motivos e razões para o considerarem como suspeito.

«Acrescentava ainda a testemunha que, tendo ido novamente a Louveciennes, recebera um recado da acusada, pedindo-lhe que chegasse a sua casa. Acedera ao pedido e na companhia da Du Barry encontrára a Rohan-Rochefort, que lhe dissera que tinha imenso gôsto em o ver. «O meu filho Carlos — acrescentára — simpatiza imenso consigo!»

«— Isso custa-me, minha senhora — respondi-lhe eu — porque seu filho é um falso patriota! Pode-se lá admitir que êle continue a intitular-se príncipe e que consinta que a tratem a si por princesa?

«— De facto isso é verdade — replicou ela — mas é a brincar, que o fazemos.

«— Pessoas da sua categoria, minha senhora, — retorqui-lhe eu — não brincam a respeito dos títulos que noutro tempo, no tempo dos reis, tinham o direito de usar. Mas êsses tempos passaram. Já não há reis, e, pela mesma razão que já não há reis, também já não há príncipes.

O vice-presidente pregunta à acusada.

«— Que diz ao depoimento desta testemunha?

«*A acusada:* — Tenho a dizer que efectivamente me encontrei em Londres com as senhoras de Calonne e de Mortmart, mas as nossas relações são apenas de amizade.

«D. — Andou em Londres vestida de luto pelo Capeto?

«R. — Andei sempre vestida de preto pelo simples motivo que não tinha levado nenhum de côr.

«D. — Pediu a soltura de Labondie?

«R. — Pedi, devido ao facto de êle ter sido preso como suspeito em minha casa.

E ouvida outra testemunha, Luiz Bernardo d'Escourt, antigo capitão de cavalaria, actualmente detido na prisão de La Force, declara conhecer M.me du Barry assim como Vandenyver e o filho mais velho.

«Há perto de dois anos que travou conhecimento com ela, mas raras vezes a visitou em sua casa.

De Londres ela enviou-lhe uma procuração, que o auctorizava a levantar no Banco Vandenyver 200.000 libras. Vandenyver emprestou essas ditas 200.000 libras a Rohan-Chabot que então residia na rua do Seine.

Dumas ao acusado Vandenyver:

«— Tinha combinado com a acusada du Barry adeantar-lhe 200 000 libras?

«*O acusado* — Tinha.

«D. — Em que ocasião?

«R. — No mês de Novembro de 1792.

«D. — A testemunha disse-lhe que essa quantia era para entregar a Rohan-Chabot?

«R. — Creio que me disse.

«D. — Contudo, não ignorava, de certo, as leis que proïbiam dispôr dos fundos pertencentes aos emigrados; ora a du Barry achava-se então em Londres.

NÉVOAS DO PASSADO

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

«R. — Achava-se, realmente, mas munida dum passaporte que a auctorizava a fazer a viagem.

Prosseguiu-se à audição das testemunhas.

«Francisco Salanave, antigo mordomo da acusada e actual funcionário da Comissão de Vigilância de Versalhes, declara ter visto no castelo de Louveciennes entre as visitas da du Barry os seguintes aristocratas: Lavaupalière, Brissac, Labondie, d'Escourt, o antigo marquês Donissan, o ex-visconde de Pons, a antiga marquesa de Brunoy, a antiga duquesa de Brancas com quem ela fez a viagem de Londres e a quem depois ofereceu hospitalidade.

Acrescenta que os seus sentimentos de patriota o tornaram mal visto pelos outros criados todos êles aristocratas, e de tal forma os ditos criados o desacreditaram aos olhos da acusada que esta o pôs fora de casa.

«*A acusada.* — Em resposta ao depoimento desta testemunha tenho a dizer que a senhora Brancas não emigrou. Pelo contrário, ainda voltou a França mais cedo do que eu. Enquanto à testemunha pu-la na rua, não por causa das suas opiniões e ideais, mas sim por causa da quantidade de porcelanas que todos os dias desapareciam de minha casa.

É ouvida outra testemunha.

Trata-se de Luiz Benedito Zamora, de trinta e um anos de idade, nascido em Bengala, na Índia, empregado na Comissão de Salvação de Versalhes.

«Declara que foi educado em casa da Du Barry desde a idade de dez anos, idade em que foi trazido para França por um capitão de navios.

Fouquier Tinville

Várias testemunhas fôram sucessivamente ouvidas: Henriqueta Briard, casada com Couture, declara que está ao serviço da acusada há vinte e três anos e que a acompanhou nas suas viagens a Londres.

Maria Ana Labitte, tapeceira em Louveciennes, declara saber que a *acusada* por ocasião da prisão de Brissac passou a noite a queimar papéis.

«*A acusada.* — Não queimei papéis nenhuns.

Depois de se haver novamente interrogado Vandenyver, Fouquier Tinville, o promotor, tomou a palavra:

«Cidadãos jurados, após a esposa do último dos tiranos que a França teve como auctora de conluios, aí está, agora, a cortezã do seu predecessor como auctora de conspirações.

Está no vossa presença esta Laïs, célebre pelo desregramento dos seus costumes e pela publicidade e escândalo dos seus deboches, a-quém a libertinagem única e simplesmente tinha elevado até junto do déspota, que sacrificou o oiro e o sangue do povo para satisfazer os seus vergonhosos prazeres.

«Mas não é o escândalo e o opróbrio da sua elevação, nem a torpeza e a desonra da sua infame conduta que deve fixar a vossa atenção.

«Tendes que decidir se esta Messalina, vindo do povo, do povo que pagava o opróbrio dos seus costumes, e descida com a morte do tirano da altura onde o crime a havia colocado, conspirou contra a liberdade e a soberania do povo.

«Depois de ter sido a cumplice e a instrumento da libertinagem dos reis, ela tornou-se agente dos conspiradores, dos tiranos, dos aristocratas e dos padres contra a República.

«Os debates, cidadãos jurados, já nos esclareceram completamente os pontos obscuros desta conspiração. Deveis ter discernido o raio de luz que os depoimentos das testemunhas lançaram sôbre esta conspiração, tão abominável que não encontramos exemplo de outra nos anais do povo. E jàmais processo mais importante foi submetido à vossa decisão, visto que nêste processo se patenteiam claramente todos os tramas de Pitt e dos seus cumplices contra a França.

«É preciso, por conseguinte, fazer-vos de novo analisar todos os pormenores desta conspiração e a parte que nela tomaram, tanto a cortezã do déspota como os seus cumplices.

«Tal é, cidadãos jurados, o resultado dos debates que tiveram lugar.

«Agora é convosco. Reconsiderai e decidi.

Vêdes que os realistas, federalistas, em suma, todos os partidos aparentemente separados, têm na realidade o mesmo centro, o mesmo objectivo e o mesmo alvo: invasão estrangeira, a guerra da Vendeia, a revolta do Meio-Dia, a insurreição departamental do Calvados que têm a mesma origem e o mesmo chefe, d'Artois . . . Petion . . .

TRIBUNAL

CRIMINEL, EXTRAORDINAIRE ET RÉVOLUTIONNAIRE.

Établi à Paris, au Palais, par la Loi du 10 Mars 1793.

L'AN IIe DE LA RÉPUBLIQUE.

ACCUSATEUR PUBLIC.

LE Citoyen Gardien de la maison d'arrêt de la conciergerie ——— laissera communiquer [illegible] avec [illegible] actuellement détenu en ladite maison

FAIT à Paris, le deux août mil sept cent quatre vingt trois — l'an second de la République. Fouquier Tinville

Levantamento de incomunicabilidade, assinado por Fouquier Tinville

A grade da Conciergerie que separava o pátio dos homens do das mulheres

«Todos caminham às ordens de Pitt.

«Porém o véu que cobria tanta infâmia foi levantado, pode-se mesmo hoje dizer que foi inteiramente despedaçado, e apenas resta aos conspiradores a desonra e o castigo que mereceram pelos seus infames conluios.

Sim, franceses, juramo-vos que os traidores perecerão e subsistirá unicamente a Liberdade! Ela resistiu e resistirá a todos os esforços reünidos dos déspotas; dos seus escravos, dos seus padres e das suas infames cortezãs. O povo ha-de derrubar, derrubar todos os seus inimigos, isto é, tôda essa malta de bandidos que ousam erguer-se contra a Liberdade!

«A infame conspiradora que está na vossa presença podia, no seio da opulência adquirida à custa dos seus vergonhosos deboches, viver tranquïla na sua pátria, já que a pátria parecia ter enterrado, ao mesmo tempo que enterrara o tirano, de quem ela fôra a digna companheira, a lembrança da sua prostituïção.

«Mas a liberdade do povo era aos seus olhos um crime. Era preciso, entendia essa mulher, que êle vivesse na escravidão, que êle rastejasse aos pés dos déspotas e que o produto do seu suor fôsse consagrado ao pagamento dos seus vergonhosos prazeres.

«Êste exemplo colocado ao pé de tantos outros mais prova claramente que a libertinagem e o desregramento de costumes são os maiores inimigos da liberdade e da ventura do povo.

«Ao ferir com o gládio da lei uma Messalina que conspirou contra a Pátria, vós não vingareis sòmente a Rèpública de todos os atentados que tem sofrido, como também libertareis o público dum escândalo vivo e, ao mesmo tempo, consolidareis os bons costumes que é a principal base de tudo num povo.

EUNICE PAULA.

O jardim da Conciergerie vendo-se as janelas das prisões em que estiveram Maria Antonieta, Dubarry e Carlota Corday

O Minho e os seus pitorescos costumes

NESTE lindo Portugal todas as províncias têm seus trajos mais ou menos bonitos, todas, seus usos e costumes, todas suas festas e romarias, onde se conhece e pode estudar a alma do povo português.

Não há cantinho que não tenha a sua beleza de Norte a Sul e não há moçoila fresca e bela que não cante ao desafio com os rouxinois que em noites de luar torvam este jardim à beira-mar plantado num hino ao Creador.

Moças alegres que do Algarve ao Minho sabem rir e gozar numa festa com bailes e cantos, mas que sabem também trabalhar com coragem e valor angariando o pão de cada dia.

Mas entre essas províncias todas salienta-se o Minho, não só pela beleza da sua paisagem que tem todas as variantes, desde as varzias luminosas e floridas aos densos pinheirais, desde as praias de fofa suave e loira areia, ás montanhas magestosas, onde a neve põe um manto de imaculada brancura no inverno, e onde uivam os lobos que a fome acóssa.

Há casinhas brancas e lindas, com os seus craveiros á janela onde como estrelas brilham os vermelhos cravos, como na Ribeira Lima, e, há choças escuras com tetos de colmo como em Castro Laboreiro.

Mas quer na praia alegre, na varzia mimosa, na rude montanha, a mulher é sempre afável, bonita, em geral trabalhadeira e alegre.

E' vê-la de enxada em punho como um homem, de sol a sol, cantando alegremente, como se estivesse fazendo o mais suave trabalho; é vê-la sentada ao tear, tecendo entre cantigas os ricos tecidos de que faz as suas lindas saias e os aventais, onde suas mãos bordam a palavra Amor.

Que o branco linho de que faz a sua camisa, tão lindamente bordada nos hombros e de que faz o bragal com que ha-de casar. Qual é a moça que não tem um derriço e que não sonha com o dia em que ha-de ir á igreja branca e linda da sua aldeia com aquele que agora nas romarias canta com ela ao desafio atirando-lhe madrigais rimados com a graça popular, e, que será com ela abençoado pelo senhor Abade, e que mais tarde irá a seu lado rodeado da filharada festejar a Senhora da Peneda, o S. Silvestre com a sua feira de alhos, a festa das Cruzes a Barcelos e à Senhora da Agonia a Viana do Castelo, uma das mais lindas senão a mais linda romaria de todo o Minho.

Com a sua procissão em que vão representadas todas as santas, por pequeninas ricamente vestidas, e compenetradas tão profundamente compenetradas, do seu papel, que percorrem toda a cidade na mesma atitude com que saem da Igreja da Senhora da Agonia, a padroeira de Viana, a protectora dos pescadores, que em noites de temporal sôbre as negras ondas revoltas, pedem o seu socorro e onde as mulheres aflitas em lagrimas vão fazer as suas promessas. E lá vão seus filhos com a vela do barco enrolada e enfeitada com flores, seguindo o seu andor; pagando essas promessas feitas em horas de dôr, que a sua compaixão tornou em louca alegria, quando voltaram os barcos com os seus homens sãos e salvos.

E' a Santa Igreja que passade vestido de setim branco e manto vermelho arrastando a cauda, S. João Baptista com o seu cordeirinho, S. Tiago com a sua capa de romeiro, S.ta Tereza com o seu hábito de Carmelita e as seguem todas as Cruzes das Freguezias dos arredores, lindas cruzes de prata ladiadas pelas mais ricas lanternas em prata também e depois de todos os andores os pequeninos penitentes, que em promessa vão vestidos de negro; dos inúmeros anjos o Palio debaixo do qual o Senhor Arcebispo Primaz conduz o Santo Lenho rodeado de Clero.

E atraz todas as personalidades gradas de farda ou casaca e a imensa procissão, desfila entre alas de povo reverente e devoto, que o trajo rico das raparigas e os seus formosos rostos esmaltam de cores vivas e de beleza, como as flores esmaltam um verde prado em dia de primavera.

E á noite o fogo em frente á igreja onde se queimam prodigios de pirotecnia.

E a serenata com seus barcos iluminados e suas tocatas de ferrinhos e banzas, a surpreza da ponte com as suas cascatas de luz.

Para ver tudo isto, este povo anda léguas, passa noites sem dormir e segue no fim da serenata em alegre risota palmilhando estradas, que os levam ás praias, á montanha, e aos lindos povoados ribeirinhos, que de todas as partes vieram para ver a sua romaria e no verão tantas são as festas, que o tempo é dividido entre o trabalho e as romarias.

E' talvez isso que dá á mulher do Minho essa alegria porque a verdade é que a humanidade precisa de se divertir um pouco, para trabalhar muito. Onde não há distração nem alegria não rende o trabalho.

E quem vem de fora e vê o povo em festas, as raparigas com os seus ricos trajos, o peito coberto de oiro, não supõe ao vê-las gracis e mimosas, o que estas mulheres trabalham, não são só êsses lindos bordados que ocupam as suas horas.

As mais pesadas cargas elas transportam à cabeça, essa airosa cabeça que ao andar, levam sempre alta.

Aquelas que vivem próximo do mar adubam as suas terras com o sargaço, e passam dias metidas na água apanhando as algas, juntando-as e andam léguas carregadas com altos fardos de sargaço, e ao chegar a casa é tratar da ceia, é ageitar a casa e sempre cantando, que o cantar afasta o cansaço e não deixa entrar máguas nos corações.

Esse amor que trazem escrito nos aventais, trazem-no também no coração. Não há rapariga que não tenha o seu derriço, que a acompanha à fonte e que a seu lado caminha, levando-a como em triunfo, ufano da sua companheira.

E razão tem porque quando chega a festa da Agonia lá vai ela tôda guerrida ao concurso das lavradeiras, concurso de quem apresenta o mais lindo e completo trajo e concurso de beleza também, disputado como o são os concursos para «Miss» de qualquer país, quer na Europa, quer na América.

E o conversado, que só para ela fala e só a ela vê, tem a certeza que é a sua namorada a mais bela e que vai ganhar o prémio.

Ele não gosta muito que outros a admirem, tem o seu ciumezito que lhe pica o coração, mas a vaidade de falar com uma cachopa que tirou o prémio também vale alguma coisa, e, por isso a acompanha e se sujeita a que outros admirem aquela a quem tanto quere e que desejaria esconder a todos os olhos.

Não que o seu sorriso é sedutor e os seus olhos tão bonitos; não vão senhores da cidade disputar-lha. Que a mocinha é séria e só vê o seu Manel.

E garridas, lá vão gentis e delgadas em novas, umas mordomas quando os anos e as sucessivas maternidades as engrossaram, mas sempre garridas no seu trajo e batendo com arreganho no chão a chinela bordada.

Quando vão à fonte que longas conversas, emquanto enche o cântaro, êsse cântaro garrido como elas e ornado de desenhos tão variados.

E à frente dos bois como é graciosa a lavradeira que os conduz sorrindo. êsses bois de dôce olhar a quem uma palavra basta para os guiar, que parece dobrarem a sua fôrça perante a graça de quem os guia.

E assim moireja desde que o sol nasce, até à noite a linda rapariga do Minho ,essa lavradeira garrida; que aos olhos do turista que passa é um elemento decorativo.

Mas de tudo ela se desempenha bem; ardente e infatigável trabalhadeira, corajosa de raça e por educação, a mulher mantém as tradições desta linda província e mantém através de tudo, o tradicionalismo do seu trajo, e a graça da sua beleza, a alegria do seu canto, a devoção da sua alma crente, que a ajuda a levar cantando uma rude vida de trabalho, preservando sempre a sua graça e a sua elegância.

MARIA DE EÇA.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Casino Estoril

Com uma enorme e selecta concorrência, em que figurava tudo que de melhor conta a primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoris, como de Sintra e das restantes praias da Costa do Sol, realizou-se na tarde de sabado 9 do corrente, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguinte senhoras: D. Alice de Sousa e Melo, D. Branca de Sommer de Andrade, Condessa de Murça, Condessa de Vil'Alva, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Josefina de Arbués Moreira, D. Maria Camila Vieira Carneiro Pacheco, e D. Maria Cândida Luppi dos Santos Jorge, cujo produto se destina a favor da Casa de Trabalho de S. António do Estoril. Durante o chá que foi abrilhantado pela exímia orquestra Almeida Cruz, privativa do Casino Estoril, exibiram-se em vários números de canto e dança, distintos amadores e artistas, que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em destaque as suas aptidões, não lhe regateando a selecta assistência, que enchia o vasto salão do restaurante frenéticos aplausos.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto sôbre o aspecto financeiro, como artístico e mundano.

Na Mata de Santo António do Estoril

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, realizou-se na tarde do dia 3 do corrente, na vasta Mata do Convento de Santo António do Estoril, uma festa de caridade, cujo produto se destina a favor da sucursal das Oficinas de São José, no Estoril.

Constou a festa de arraial em que além dos divertimentos que são de uso nestas festas populares, houve várias surpresas que deixaram na selecta concorrência a melhor impressão.

A comissão organizadora deve estar plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Para seu sobrinho o sr. dr. Adriano de Barros Fontes, filho da sr.ª D. Maria de Barros Fontes e do sr. Adriano de Figueiredo Fontes, foi pedida em casamento pelo ilustre professor sr. dr. Costa Sacadura, a sr.ª D. Noémia Agrebem Gonçalves de Castro, gentil filha da sr.ª D. Maria Agrebem Gonçalves de Castro e do coronel sr. Adelino Norberto de Castro.

A cerimónia realizar-se-á no fim do corrente ano.

— Presidida pelo reverendo monsenhor Martinho Lopes Mata, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na capela da elegante residência da sr.ª D. Branca Tierno Bagulho e do sr. dr. António Bagulho, o casamento de sua gentil filha D. Fernanda, com o sr. dr. André Gonçalves.

Foram madrinhas a mãi da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Maria Izabel Gonçalves da Silva, esposa do sr. dr. Manuel da Silva e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Francisco Telo da Gama.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão pelo reverendo Bonifácio Zarate, vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa do palacete, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pela sr.ª D. Matilde de Mendonça Lino Neto, esposa do ilustre professor sr. dr. António Lino Neto, foi pedida em casamento para seu filho António, delegado do Procurador da República, a sr.ª D. Ana Maria de Resende Mendes dos Reis, gentil filha da sr.ª D. Maria Amélia de Resende Morbey e do sr. dr. António Alberto dos Reis, já falecido.

A cerimónia deverá realizar-se êste ano.

— Celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria das Dores Silva Felício, interessante filha da sr.ª D. Albertina Felício Marques da Silva e do sr. Joaquim Felício Pais do Amaral, com o tenente de engenharia sr. Vitorino Esparteiro.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Maria José Moreira e D. Jesuvina Esparteiro, respectivamente prima da noiva e cunhada do noivo, e de padrinhos os srs. Albano Moreira da Cunha, e dr. Manuel Esparteiro, respectivamente primo da noiva e irmão do noivo, presidindo à cerimónia o reverendo prior Dourado, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Bussaco, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para a sua residência em Agueda.

— Para o sr. João Soares Barbosa, filho da sr.ª D. Carolina Soares Barbosa e do sr. Joaquim da Silva Barbosa, foi pedida em casamento pelo capitão sr. Artur Salgado, a sr.ª D. Generosa Fernandes da Silva, gentil filha da sr.ª D. Maria da Luz Fernandes da Silva e do sr. Manuel Fernandes da Silva.

A cerimónia realizar-se-á brevemente.

— Na paroquial de Nossa Senhora da Ajuda, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Odete Neff de Almeida, interessante filha da sr.ª D. Olinda da Piedade de Almeida, já falecida, e do sr. Vítor Filipe Neff de Almeida, com o sr. Oswaldo Lopes Correia de Moura Coutinho, filho da sr.ª D. Glória Lopes de Moura Coutinho e do sr. Ernesto Correia de Moura Coutinho, lá falecido.

Fôram padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria Izabel de Abreu e o sr. dr. Rodrigo Vítor de Albuquerque e Melo e por parte do noivo o sr. dr. Tomás Colaço e sua esposa.

Acabada a cerimónia foi servido na residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.ª D. Amália Araujo Rodrigues, gentil filha da sr.ª D. Maria Rodrigues de Araujo, e do sr. Dionisio de Araujo Bernardes, com o sr. Rogério Navarro de Menezes, realizando-se a cerimónia ainda êste ano.

— Celebrou-se na paroquial do Sagrado Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Suzete Rodrigues Bernardo, gentil filha da sr.ª D. Emília Rodrigues Bernardo e do sr. José Bernardo, com o sr. Francisco Vidigal Mestrinho, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Leonor Maria Henriques de Oliveira e D. Maria Georgete da Conceição Silva Vieira e de padrinhos os srs. Abilio de Oliveira e Henrique Manuel Vieira.

Na elegante residencia dos pais da noiva, foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pelo sr. Rodrigo Bessone Bastos, foi pedida em casamento para seu filho Rodrigo, a sr.ª D. Genoveva Moitinho de Almeida, interessante filha da sr.ª D. Margarida Moitinho de Almeida e do sr. Artur Moitinho de Almeida, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na capela da Quinta do Sub-Outeiro, celebrou se o casamento da sr.ª D. Maria Emília Bragança Ribeiro de Sousa Freire, gentil filha da sr.ª D Florentina Bragança Ribeiro Freire e do sr. dr. Fernando de Sousa Freire Malheiro, com o sr dr. Alexandre Manuel Pais Moreira de Figueiredo, filho da sr.ª D. Maria Pais Moreira de Figueiredo e do sr. Moreira de Figueiredo, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Fernando, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Guilhemina Guimarães Forbes Costa, a sr.ª D. Maria Ana da Fonseca Carvalho e Almeida, interessante filha da sr.ª D. Sofia da Fonseca Carvalho e Almeida e do sr. dr. Augusto de Carvalho e Almeida, realizando-se a cerimónia brevemente.

— Presidido pelo reverendo José Cabral, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Maria Guilhermina Pinto de Lemos Sampaio e Melo Noronha, gentil filha da sr.ª D. Maria Palmira de Vasconcelos Pinto de Lemos Noronha e do sr. dr. João Noronha, com o sr. António Pegado de Castro Teixeira Lobo Pinto Pizarro, filho da sr.ª D. Corina Teixeira Lopo Pizarro e do sr. dr. Manuel de Castro Pereira Teixeira Lobo Pizarro, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Para o sr. dr. Manuel Pádua Ramos, foi pedida em casamento pelo sr. dr. Sena Pereira, a sr.ª D. Maria Izabel de Jesus Mendonça Lino Neto, gentil filha da sr.ª D. Matilde de Mendonça Lino Neto e do ilustre professor sr. dr. António de Lino Neto.

A cerimónia realizar-se-á por todo o corrente ano.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Helena Patrícia Lino Neto, esposa do sr. dr. Joaquim Maria de Mendonça Lino Neto, presidente da Câmara Municipal de Gavião, e Conservador do Registo Predial em Ponte do Sôr. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Luiza Marinha da Cruz Cardim, esposa do sr. dr. Joaquim Canas Cardim, teve o seu bom sucesso, na Casa de Saúde de Benfica. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

A QUINZENA DESPORTIVA

A selecção nacional de hockey patinado que conseguiu o empate no jôgo contra a forte selecção italiana que esteve em Lisboa

Depois de três escassos meses de actividade intermitente os nossos praticantes do atletismo em pista, arrumaram nos armários respectivos os sapatos e o equipamento, que só daqui a meio ano voltarão a ser utilizados para início de treino.

A época de 1939, que durante a primeira fase reservada aos novos elementos fôra prometedoramente animada, não correspondeu no final ao auspicioso começo e apenas nos demonstrou a boa forma de meia duzia de atletas já com largos anos de prática, sem revelar entre os participantes ainda não consagrados quem pareça capaz de os substituir.

Na lista dos melhores resultados portugueses, que de seguida publicamos como é tradicional nas crónicas da «Ilustração» e onde os amadores do atletismo encontram elementos inéditos para as suas conclusões, a grande maioria dos nomes citados corresponde a especialistas dos quais pouco melhores marcas há a esperar; pelo julgamento do nosso critério pessoal, as esperanças de progresso da modalidade devem confiar-se de momento ao corredor de velocidade pura Mira Barroso, a João Jacinto em velocidade prolongada, Hélio Telgas e Francisco Bastos em meio fundo curto, aos saltadores em altura Plácido e Cunha, aos lançadores Ruivo, Tomaz de Macedo e Anibal Paciência.

Este enumerado não compreende alguns novos valores dignos de confiança, mas que não participaram ainda das provas de seniores, nem os nomes dos grandes do momento, Barreiros Gomes, Alves Pereira, Martins Vieira, Espírito Santo, António Calado, Glória Alves, Manuel Oliveira, António Cadete ou Herculano Mendes, que devem manter-se nas fileiras da vanguarda ainda durante algum tempo, mas que não podem considerar-se esperanças, porque são antigas realidades.

Usando da tabela finlandesa de pontuação para confronto dos resultados das diversas especialidades o rol dos dez melhores homens da temporada nacional estabelece-se assim:

1.º — Joaquim Alves Pereira e Mário Mira Barroso, 100 metros em 11 s., 843 pontos.

2.º — Alvaro Martins Vieira, 110 metros barreiras em 15,7 s., 818 pontos.

3.º — Francisco de Oliveira Bastos, 1500 metros em 4 m. 11 s., 798 pontos.

4.º — Alberto Cunha e Guilherme Espírito Santo, 1,m78 em altura, 762 pontos.

5.º — Emídio Ruivo, lançamento do peso a 13,m40, 755 pontos.

6.º — António Madeira Calado, 800 metros em 2,m2,2 s., 750 pontos.

7.º — Herculano Mendes, lançamento do martelo a 43,m95, 749 pontos.

8.º — António Barreiros Gomes, 400 metros em 52,4 s., 745 pontos.

9.º — Alvaro Martins Vieira, 400 metros barreiras em 59,2 s., 733 pontos.

10.º — Augusto Matos Henriques, uma légua em 16 m. 16,8 s., 725 pontos.

É necessário apontar, para perfeita interpretação desta lista, que para sua confecção entramos em conta apenas com os melhores resultados de cada prova, pois se assim não fôra teriamos incluido António Fontes e Agostinho Pena (814 p. nos 100 metros), António Pereira (804 p. nos 100 metros barreiras), Fernando Ferreira e Guilherme Santos (787 p. nos 100 metros) e Glória Alves (776 p. nos 110 metros barreiras).

Para as provas femininas é impossível estabelecer comparação idêntica, pois a tabela internacional apenas pontua as marcas masculinas. Sem lhe reconhecer valor concreto, apenas a título de curiosidade, procuramos atribuir os melhores resultado das nossas atletas um número de pontos, tomando como base de relatividade o resultado masculino que completasse a proporção para os «records» mundiais da mesma prova em ambos os sexos.

Por êste processo, o resultado de Lucilia Silva nos 60 metros, equiparado a 11,17 s., aos 100 metros masculinos, traduz-se por 795 pontos, o que é excelente para o nosso meio.

Para concluir apresentamos aos nossos leitores a lista dos melhores resultados nacionais em 1939, os quais poderão confrontar com os que temos publicado nas épocas precedentes.

Corrida de 100 metros: Alves Pereira (Sporting) e Mira Barroso (Casa-Pia), 11 s.; António Fontes (Sporting) e Agostinho Pena (F. C. Pôrto), 11,1 s.; Fernando Ferrreira e Guilherme Santos (Benfica), 11,2 s.

Corrida de 200 metros: Barreiros Gomes, Glória Alves e Fernando Ferreira (Benfica), João Jacinto (Sporting), Agostinho Pena (F. C. Pôrto), 23,6 s.

Corrida de 400 metros: Barreiros Gomes (Bf.), 52,4 s.; Glória Alves (Bf.), 52,7 s.; Borges da Silva (Belenenses), 53,7 s.; Agostinho Pena (F. C. Pôrto) e Alberto Afonso (Bel.), 54,2 s.

A equipa italiana de hockey em patins que nos visitou há pouco, exibindo-se com brilhantismo frente aos melhores grupos portugueses

Corrida de 800 metros: António Calado (Almadense), 2 m. 2,2 s.; Francisco Bastos (Almadense), 2 m. 5,8 s.; F. Ferreira (Académico), 2 m. 6,1 s.; Augusto Ferraria (Académico), 2 m. 6,8 s.; Nestal de Almeida (Sporting), 2 m. 8,4 s.

Corrida de 1000 metros: António Calado (Alm.) 2 m. 42,2 s.; Hélio Felgas (Bf.), 2 m. 46,7 s.; Ladislau Dias (Sp.), 2 m. 54 s.; Bandeira de Lima (Bf.), 2 m. 55 s.; Afonso Freitas (F. C. P.), 2 m. 55,1 s.

Corrida de 1500 metros: Francisco Bastos (Alm.) 4 m. 11 s.; Fern. Ferreira (Académico), 4 m. 22 s.; Matos Henriques (Bel.), 4 m. 24,6 s.; Manuel Nogueira (Bel.), 4 m. 25,1 s.

Corrida de 5000 metros: Matos Henriques (Bel.) 16 m. 16.8 s.; Manuel Nogueira (Bel.), 16 m. 19 s.; Diamantino França (U. Coimbra), 16 m. 20,5 s.; Albino Silva (F. C. P.), 16 m. 25,5 s.

Corrida de 10.000 metros: Manuel Nogueira (Bel.) 34 m. 15,1 s.; Albino Silva (F. C. P.) 34 m. 27,5 s.; Coutinho Mourão (F. C. P.) 34 m. 50,5 s.; Joaquim Correia (Bel.) 34 m. 58 s.; Artur Lourenço (Bf.) 35 m. 16,8 s.

Barreiras, 110 metros: Martins Vieira (Bf.), 15,7 s.; António Pereira (Bl.), 15,8 s.; Glória Alves (Bf.) 16 s.; Vieira Dias (Sp.), Espaim Neves (Ac.), 16,6 s.

Barreiras, 400 metros: Martins Vieira (Bf.), 59,2 s.; Guilherme Fragata (Bf.), 59,8 s.; A. Ferreira da Silva (F. C. P.), 65,8 s.; Alfredo Silveira (Sp.), 66,8 s.; Araújo Vieira (Ac.), 70,2 s.

Salto em altura: Alberto Cunha (Ac.), Espírito Santo (Bf.), 1,m78; José Esteves (Bf.), 1,m74; Emídio Plácido (Ateneu) 1,m73; Martins Vieira (Bf.), 1,m67.

Salto em comprimento: António Romão (Sp.) 6,m67; Manuel Oliveira (Sp.) 6,m66; Henrique Costa (Internacional), 6,m52; Espírito Santo (Bf.) 6,m46; Tomé da Silva (Casa Pia) 6,m39.

Triplo-Salto: Espírito Santo (Bf.), 13,m165; Henrique Costa (Int.) 12,m75; Manuel de Oliveira (Sp.), 12,m48; Espaim Neves (Ac.), 12,m41; Martins Vieira (Bf.) 12,m07.

Salto à vara: Martins Vieira (Bf.), 3,m52; João Montalvão (Vigorosa), 3,m05; Eduardo Lemos (Ac.) 3,m05; Francisco Brandão (Sp.), 3,m00; António Santana (Bf.) 2,m96.

Lançamento do pêso: Emídio Ruivo (Int.) 15,m40; Romeu Correia (Alm.), 12,m40; Peixoto Correia (Ac.), 11,m72; Mário Pires (Ateneu), 11,m12; António Cadete (Ac. 10,m44.

Lançamento do disco: Herculano Mendes (Ac.) 38,m82; Emídio Ruivo (Int.) 36,m21; Eduardo Vieira (Ac.) 35,m51; Anibal Paciência (Sp.) 34,m19; Peixoto Correia (Ac.) 33,m39.

Lançamento do dardo: António Cadete (Ac.) 50,m59; Tomaz de Macedo (Sp.) 50,m13; Barreiros Gomes (Bf.), 49,m12; António Rodrigues (At.) 48,m78; Manuel Farinha (Sp.) 47,m67.

Alves Pereira e Mira Barroso os melhores atletas da época de 1939, entram destacados na meta do campeonato nacional dos 100 metros

Lançamento do martelo: Herculano Mendes (Ac.) 43,m95; Manuel Santos (Ac.) 33,m25; Avelino Santos (Ac.) 31,m57; Joaquim Giesteira (Bel.) 25,m00; Peixoto Correia (Ac.) 24,m72.

Provas femininas — *Corrida de 60 metros:* Lucilia Silva (Bel.) 8 s.; Ilda Leite Dias (Femina), 8,2 s.; Marie Minnemann (Femina) 8,5 s.; Helena Ferreira (Feminino) 8,4 s.; Judite Macedo (Femina), 8,7 s.

Corrida de 150 metros: Lucilia Silva (Bel.) 19,5 s.; Marie Minnemann (Femina) 21,7 s.; Helena Sousa Martins (Feminino) 22,9 s.; Maria Ester Moura Cabral (Sporting) 24,1 s.

Saltos em altura: Maria Ester Moura Cabral (Sporting) 1,m36; Susana Sander (Sporting) 1,m26; Helena Ferreira (Feminino) e Margarida Salazar Carreira (Sporting) 1,m17; Lucilia Silva (Bel.) 1,m15.

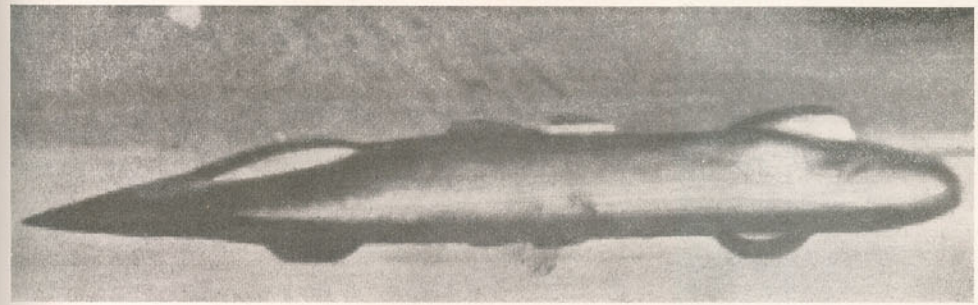
Saltos em comprimento: Margarida Salazar Carreira (Sporting) 4,m36; Maria Helena Sá (Ateneu) e Marie Minnemann (Femina) 4,m17; Maria Ester Moura Cabral (Sporting) 4,m01; Helena Ferreira (Feminino) 4,m00.

Lançamento do pêso (3 Kg.): Maria Helena Sá (At.) 10,m19; Maria Ester Moura Cabral (Sp.), 9,m09; Dília Costa (Feminino) 8,m31; Maria Luiza Moniz Pereira (Sporting) 8,m24; Ilda Leite Dias (Femina) 8,m10.

Lançamento do disco: Ester Ramos (Femina) 27,m85; Alice Ramos (Femina), 26,m00; Helena Sousa Martins (Feminino) 24,m06; Maria Helena Sá (Ateneu) 23,m15; Margarida Salazar Carreira (Sporting) 22,m72.

Lançamento do dardo: Margarida Salazar Carreira (Sporting) 19,m90; Virginia Perreira Leite (Femina) 18,m42; Maria Ester Moura Cabral (Sporting) 18,m17; Maria Helena Sá (Ateneu) 16,m90; Alexandrina Pinto (Feminino) 16,m02.

Salazar Carreira



Os ingleses bateram, antes de começada a guerra, o último grande «record» mundial: o da velocidade em automóvel que John Cobb elevou para 593,479 kms à hora tripulando o extranho monstro mecânico que a nossa gravura reproduz

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 37

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 16)

QUADRO DE HONRA

Castela, Dado, Alvarinto, Édipo, Fosquinha, Hanibal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Tôrre, M.me Lérias, Miss Sporting, Já Mexe, Marcolim, Dr. Sicascar, Enigmático, Ti-Beado, Um Misterioso, Nuninho e Siulno

QUADRO DE MÉRITO

Sevla, Francisco J. Courelas, Mirna, Agasio, Sol de Inverno, Ramou Lácrimas, Dama Negra e Tarata — 15. Diriso, Cigano, J. Tavares, Aureolinda, Visconde X, Anjo das Serras e Aristofanes — 12. Neptuno, D. O. X., Oliva e Alda — 10

DECIFRAÇÕES

1 — Viperino. Mal-entendido. 3 — Mo(tu)ca. 5 — Chupado. 6 — Tocarola. 7 — Fortunado. 8 — Cachia. 9 — Fogoso. 10 — Diacho. 11 — Cuidado. 12 — Estola. 13 — Gra(a)do. 14 — Pa(la)to. 15 — Esta(dis)tica. 16 — No(ta)vel.

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6

DECIFRADORES

Alvarinto, Castela, Dado, Édipo, Fosquinha, Hanibal, Jorubasil, Já Mexe, Lérias, M.me Lérias, Marcolim, Miss Sporting, Nuninho, Ricardo, Sevla, Siulno, Soba da Torre, Ti-Beado, Tarata, Um Misterioso

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

Três capítulos de um amor recente...

1) É *ousadia*. — 1-7-6-2
Linda morena
amar-te, sim!...
Mas os teus lindos olhos são o dia
que me faz meditar e me dá pena,
num ritmo de saudade sem fim...
Nesse teu *peito*. — 2-6-1-7
— um céu de amor —
não há *vaidade?!*... — 4-6-5-2
Ah! Então divaguemos, mas com geito!
Vejamos do Ideal a bela côr,
essa côr *opulenta* da verdade. — 6-5-1-2
. . . . . .
. . . . . .
Embora sinta,
essa verdade
não foi ventura...
e muito embora a mágoa em mim persinta,
continuarei buscando a f'licidade!
E *infeliz* daquele que a não procura...
Lisboa *Adeusinho*

2) Eu gosto tanto de ti!
Só a êste grande amor, — 2-7-9-8-12
que, venturoso auferi,
dou apreço com calor! — 6-8-2-11-10
Teus olhos que um dia vi,
são *estrelas* de fulgor, — 3-10-7-9-7-6-1
são na vida, que vivi,
lindas joias de valor! — 3-12-7-9-5-6-4
Gosto tanto de ti, tanto, tanto,
que êste afecto sacrosanto
não poderá acabar!...
Os dias passo contente
porque a vida *forte*, ingente,
se resume em te adorar!
Lisboa *Lérias*

3) Sinto inda em mim cruel *recordação*-6-9-2 6-8
daquela luta infrene e deshumana
travada além, na França altiva, ufana,
onde o sangue ficou tingindo o *chão*!-1-4-5-5-8
Perpassa em minha mente uma *visão*-6-7-10-6-8
tétrica, horrível, dessa luta insana,
onde foi grande a raça lusitana,
raça que tem do mundo a *direcção*.-5-2-7-4-8
Essa brutal e rude grande *guerra*,-3 8-5-1-10
cobriu com negro manto tôda a terra
cheia de dôr, tristeza e mesquinhês!
A grei não é com guerras que *prospera!*...3-2-9-5-8
É do amor e da paz que o Bem se gera
e do labor que nasce a *intrepidês!*
Albergaria-a-Velha *Olegna*

ADITIVA (Antiga)

(A propósito de uma sincopada)

Diário de Notícias de 2-7-30.

4) Diz-nos ali um confrade
Que o modesto em demasia
E' *tolo!* E eu sei que é verdade—2
Pois pertenço à confraria.
Mas se encontrasse, confrade,
Um sandeu com a mania
De que era *experto*...—a vaidade!... - 2
A êsse o que lhe chamaria?
O que se crê sabichão
(Sábios de «três ao vintém»...)
E não passa dum «mané».
Enfatuado, um «pavão»,
Não é um tolo também?
Se não é um *néscio*... o que é?
Lisboa *Fabiano*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 46

TRABALHOS EM PROSA

REVERSIVA (Eléctricas)

5) A pessoa que se habitua a *dormir de pé* fica com uma cabeleira *espessa*. 3.
Luanda *Ti-Beado*

SINCOPADAS

6) Esta *comporta* é um autêntico *catafalco*. 3-2.
Luanda *Mr. Le Bossat*

7) Essa doença caracterisa-se pelo aparecimento duma ou doutra *elevação bojuda e circular* na pele, acompanhada de *desagradável* prurido. 3-2.
Algés *Marcolim*

8) Aquele *que graceja* é porque está *alegre*. 3-2.
Luanda *Dr. Sicascar*

9) O *apoucado de corpo* não pode engulir *grande pedaço de qualquer coisa*. 3-2.
Luanda *Ti-Beado*

10) Cingiu a *mitra* o novo Papa, eleito por uma *lista* — 3-2.
Luanda *Sergipe*

15) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Albergaria *Olegna*

(Ao confrade Alguem, agradecendo).

11) Deus nos «*livre*» com a sua divina *providência*. — 3-2.
Leiria
Magnate (L. A. C.)

ADITIVAS

(Novíssimas)

12) O *dono da casa*, que foste *visitar*, trata de te *afastar* dela. 2-1.
Luanda
Um Misterioso

13) *Distrai* o espírito com o *rebanho* das cabras mas não faças *barulho*. 3-2.
Luanda
Fernando Costa

14) Se acaso *insiste* não sei se me tornarei *furiosa*. 3-2.
Lisboa *Mirna*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro Antônio Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

Em cima: *O sr. general Monteiro de Barros assinando o auto de posse do comando geral da Guarda Nacional Republicana.* — Ao centro: *O sr. tenente-coronel Ramires saüdando, em nome dos seus camaradas, o sr. general Monteiro de Barros, novo comandante geral da Guarda Nacional Republicana.* — Em baixo: *Naufragos do «Manaar» que foi torpedeado por um submarino e salvos pelo barco holandês «Mars», desembarcando em Lisboa.*

Dr. Augusto d'Esaguy

Grandezas e misérias de Israel é o título do novo livro do dr. Augusto d'Esaguy sôbre essa raça perseverante e perseguida que dá exemplo a tôdas as outras raças com a sua fé inabalável.

Os leitores da *Ilustração* conhecem já êste ilustre escritor que tem honrado estas páginas com alguns dos seus mais belos artigos.

Grandezas e misérias de Israel é uma colectânea de interessantes trabalhos sôbre o judaísmo que há tantos séculos peregrina errante através do Mundo.

Graças à sua prodigiosa iniciativa, às suas poderosas faculdades de inteligência, à sua persistência no trabalho, os judeus conquistaram os melhores lugares nas ciências, nas letras, nas artes, no comércio, nas indústrias e na alta finança.

E assim se explicam as suas grandezas bem legítimas.

Mas surgem as perseguições que os fazem caminhar errantes, ao acaso, sem pátria e sem lar.

E assim se compreendem as suas misérias.

Qualquer outro povo, que não fôsse o povo judeu, teria sucumbido às perseguições que lhe movem desde os tempos dos Faraós. Com a raça israelita não sucede assim. A sua têmpera é muito semelhante à de uma espada: quanto mais lhe batem na bigorna, mais enrija.

Sofre, punge, mas resiste sempre de olhos postos nas Tábuas da Lei que Moisés lhe confiou.

Por muito afastado que se encontre da Terra da Promissão, o Sinai é que o orienta, norteia e guia.

O dr. Augusto d'Esaguy, auscultando como médico o peito nobre e sofredor dêsse povo, contou-lhe as pulsações e sondou-lhe a tenacidade; como psicólogo penetrou-lhe na alma e avaliou-lhe as mágoas; como escritor elegante que é, traçou páginas magníficas cheias de vida, verdade e emoção.

G. M.

PÁGINAS FEMININAS

Os dias passam tão ràpidamente que um mês, um ano são o espaço de tempo tão rápido que quási não conta. Um ano, doze meses, são na vida moderna tão agitada e febril, um grão de areia da ampulheta da eternidade.

E no emtanto que diferença não encontramos num ano nas pessoas que nos rodeiam ou mesmo na própria colectividade humana. Num ano, em doze meses quantas não são as pessoas que a doença ou um desgosto, envilhecem assustadoramente.

Rugas, cabelos brancos, emagrecimento extremo ou obesidade doentia apoderam-se daqueles que nesse espaço de tempo não vimos

Noutras é o contrário a criança que deixámos um ano antes, desabrochou e em vez dela encontramos um jovem esbelto e simpático, ou uma linda rapariga, que rosa aberta está na plenitude da sua beleza e da sua frescura.

E não só no físico se encontram essas diferenças, também no moral elas se notam e muitas vezes bem vincadamente.

Aqueles que conhecemos corajosos e alegres estão abatidos e tristes, os que eram taciturnos e apreensivos, tornaram-se alegres e confiantes.

Motivos íntimos determinam essa mudança e o que se dá nas pessoas, dá-se também nos povos.

Faz um ano que a Europa estremeceu de pavor perante a ameaça da guerra, como um espectro ela surgiu diante dos olhos apavorados da humanidade aflita. Perante os "placards„ dos jornais de Londres, de Paris e de Bruxelas, como diante dos de Berlim e Roma, as mulheres desmaiavam, soluçavam ruidosamente nos países em que a exteriorisação dos sentimentos, não é uma falta de educação, e lágrimas silenciosas cobriam as faces, daquelas cujos hábitos de domínio não lhes permitem demonstrar o que lhes vai na alma.

É nessa ocasião eu disse aqui que se não sabia o que seria a atitude da mulher perante a guerra, que exige de todos um espírito de sacrifício que atinge o máximo dos limites.

Passou um ano, núvens mais negras e aterradoras escurecem o horizonte no momento em que escrevo, e, possìvelmente já terá rebentado sôbre nós a tempestade que ameaça destruir a velha Europa e submergir a actual civilização, que não resistirá à terrível tormenta; na ocasião em que estas simples palavras serão publicadas.

E no emtanto eu posso já responder à pergunta que fiz o ano passado. "O que será a mulher de hoje na guerra„? A mulher de hoje será como a mulher de há vinte e cinco anos o foi, admirável. Um ano decorreu e a ameaça que nos faz temer o desencadear das maiores tormentas é mais violenta e mais eminente do que o foi o ano passado, e, a humanidade encara-a com muito maior serenidade e mais coragem.

A mulher não chora diante dos "placards„ que nos trazem as notícias assustadoras que seus olhos lêem àvidamente, não grita, não desmaia, e corajosamente encara a situação, que não pode remediar.

Emquanto os dirigentes do momento internacional fazem e desfazem com incoerência, pactos e alianças, esses dirigentes que têm por infelicidade da pobre humanidade suspensa a vida de tantas nações; a multidão mostra-se resignada e coerente; quer a paz, mas saberá suportar a guerra.

O que a modificou? Sabe-se lá A graça de Deus, que tudo modifica, o espírito de sacrifício, que acordou na alma humana, a confiança na fôrça da pátria a que pertence e que é um sentimento forte.

E se em todos os países se nota essa enorme mudança e se a mulher em todos os países tem demonstrado mais coragem, na França é onde

mais se sente a modificação que um estado de alma pode sofrer num curto espaço de tempo.

A mulher tem demonstrado uma corajosa serenidade perante a sucessão dos acontecimentos, a mobilização fez-se sem cenas torturantes, e, o mais belo espectáculo foi o dessa multidão que no alto de Montmarte na Basílica consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, rezava pela paz, e, de onde, de vez em quando se levantava um homem que seguido de sua família partia para o destino que a pátria lhe indicava, e, sem lamentações suas ou de aqueles que o estremecem seguia o seu destino, pronto a cumprir o seu dever de cidadão se fôsse preciso, mas confiante na protecção Divina.

E assim nós poderemos ter a certeza que a mulher que assim se mostrou corajosa e serena nesta horrível espectativa, será se fôr preciso modelar de dedicação e parte de corajosa vontade perante a dura rialidade.

Permita Deus, que não seja preciso provar esta afirmativa e que as negras e terríveis núvens que pairam sôbre as nossas cabeças se afastem e não voltem a angustiar as almas, e, a sacudir os nervos, que nesta conjectura tão firmes se mostraram.

Mas seja a paz ambicionada que nos envolva, ou a guerra atroz, que nos esmague, o que é certo é que a mulher, que há um ano estava nervosa e fraca, se apresentou modelar de resignada coragem, que no seu coração viu nascer e desenvolver no curto espaço dum ano, em doze meses de reflexão e espectativa angustiada.

MARIA DE EÇA

A MODA

Começa a pensar-se nas modas de outono e na verdade, e'e já não vem longe e as elegantes não gostam de ser apanhadas em delito de falta de previdência, quando chegam as estações, preferem sempre antecedê-las, o que de ano para ano se está notando cada vez mais. Em Fevereiro vêm-se chapeus de palha, em Julho fazem a sua aparição os primeiros feltros, e, assim já não há estações para a moda.

Nos «tailleurs» e nas «toilettes» simples não deve ser grande a diferença na moda de outono, que precede a de inverno e em geral lhe marca já as linhas gerais.

Para a noite acentua-se cada vez mais a tendencia para ressuscitar a época das valsas de Strauss, tornada a música da moda por uma reviravolta feliz, que nos assegura o descanço dos ouvidos emquanto se tocam as valsas, que se não coadunam com o infernal «jazz-band» que continua a ouvir-se nas músicas americanas parece no entanto que a moda do «capuchon» que começou a esboçar-se o inverno passado, se torna mais acentuada. «Capuchons» impermeaveis para os dias de chuva, «capuchons» em lã e peles para os dias frios.

E' ainda prematuro fazer estas afirmações mas é o que nos indicam as montras em Paris e o que afirmam as criações dos grandes costureiros que os lançam nas «toilettes» de noite.

Os chapeus de cerimónia anunciam-se muito guarnecidos e as plumas e «aigrettes» terão de

novo um lugar importante neste género de «toilette».

Para a rua e acompanhando os «tailleurs» continuarão a ver-se os chapeus simples. E a verdade é que o chapeu está sendo muito abandonado e as elegantes que possuem o seu carro e têm um esmerado penteado têm pôsto de parte o chapeu, que é substituído pelo «capuchon» impermeavel ou o «capuchon» de agasalho.

Em cerimónia de dia nada poderá substituir o chapeu que dá ao conjunto o tom da elegância senhoril.

Damos hoje alguns modêlos de requintada elegância.

Para de manhã «tailleur» em lã azul escura a saia, e, lã azul clara o casaco, com as bandas na mesma fazenda da saia, as algibeiras colocadas na cintura e o cinto feito por um grosso cordão azul escuro dão originalidade a este trajo. A blusa é em sêda branca com desenhos em azul claro e azul escuro. Esta «toilette» não tem chapeu, mas as senhoras que não gostam de andar em cabelo, podem usá-la com um feltro em azul claro ou escuro, segundo o seu gôsto.

Outra «toilette» de outono simples e elegante é este vestido em «grenat» escuro, a saia plissada à máquina o corpo liso abotoado com botões beige claro em madeira. Cinto beige e «grenat». Sôbre o vestido, casaco largo e curto num tecido em lã riscas «grenat« e «beige» mangas abaixo do cotovelo.

Chapeu largo em feltro beige, guarnecido a fita grenat e luvas altas em suéde «grenat».

Como chapeu de «toilette» um modelo em veludo preto guarnecido com uma grande e farta pluma em vários tons de azul pastel. E' um chapeu para ser usado apenas em grande cerimónia, porque não é cómodo nem próprio para trazer na rua, e mesmo num automovel deve ser difícil de acomodar. Usa-se muito o chapeu em feltro de côr e as luvas no mesmo tom como o modelo da gravura que publicamos.

Para a montanha vestido «tailleur» em lã leve cinzento muito claro com riscas azuis formando quadrados. A saia tem grupos de pregas plissadas. O casaco em género «tailleur» corte masculino. Uma echarpe em setim azul escuro da côr das riscas da fazenda, o elegante conjunto que tem a vantagem de poder ser usado como vestido de viagem, ou na cidade com qualquer chapeu faz uma «toilette» simples das mais simpáticas e úteis...

AS FLORES

Na mais modesta casa as flores põem a fresca nota da elegância, embora sejam as simples flores do campo e nada há de mais decorativo.

Nesta época do ano em que muita gente está numa pequena casa de praia, alugada por um mês ou dois, mobilada banalmente, é a ocasião da mulher com a sua arte e com o auxílio tão valioso das flores dar um aspecto tão agradavel quanto possível à pequena casa que durante um curto espaço de tempo abrigará a sua família e será o seu ninho.

Se nos arredores houver pinhais e urzes aí terá um auxiliar precioso para a ornamentação da casa. Em grandes jarras as urzes porão a nota ligeiramente melancolica do tom lilaz das suas florinhas agrupadas em graciosos cachos, e, que espalham à sua volta esse sadio aroma um pouco acre que nos dá a impressão do mato ardente, onde foram colhidas.

Para a mesa temos sempre o recurso dos malmequeres, essa flor tão simples e que aparece em todos os recantos de Portugal, flor simples e dum encanto tão especial.

E se essas flores se harmonizarem com as floridas «cretonnes» das almofadas com que toda a mulher cuidadosa ornamenta a sua casinha de praia ou de campo; aí teremos um ambiente de confôrto e graça a que um abjour de papel frisado e florido porá o melhor remate.

E com flores simples e frescas por toda a parte, a mulher que compreende, que a vida tem de ter um agradavel cenário e que artista o sabe delinear e compôr, conseguirá tornar aprasível e graciosa a mais modesta e simples casa de praia e até uma cabana que as suas mãos de fada ornará e de que as flores serão o melhor elemento decorativo e com elas bem distribuídas e agrupadas de maneira a fazer valer a sua graça tornará a mais bela das casas, aquela onde floresce a graça feminina, que tudo embeleza e torna atraente, e sem a qual nada vale o mais rico palacio.

OS LENÇOS

Os lenços que tão em moda estão e tão variados usos têm, desde o lenço de assoar ao lenço que se usa como «ècharpe» ao pescoço, ou na cabeça para livrar do sol e do vento os elegantes penteados das mulheres «chics», em vilegiatura ou viagem, apareceram pela primeira vez na Europa, em Veneza, no século XV.

Foi o lenço imediatamente adaptado em França na côrte de Henrique II, esse rei tão elegante e que de elegantes se rodeava, fazendo da sua côrte, um requintado lugar de extrema elegância.

Em 1595 foi publicado um édito, que só aos nobres permitia o uso do lenço, considerado como objecto de requintado luxo. Ao princípio usavam-se duas espécies de lenços: um lenço na mão para as senhoras, e os homens usavam-no na algibeira com as pontas bem à vista.

Estes lenços eram guarnecidos a renda e recamados de bordados e na verdade eram apenas objectos de luxo. Havia o lenço chamado tabaqueiro que era o que tinha o verdadeiro uso, que hoje lhe damos, o lenço de assoar que se tornou indispensável, quando da introdução do rapé, como uso elegante e distinto dêsse rapé

que hoje só alguns velhinhos despretenciosos cheiram com delícia.

Nos tempos elegantes de Luiz Filipe os arbitros das elegâncias, como o célebre Conde de Orsay, distinguiam-se pelo luxo dos seus lenços fabricados com batistas especiais, e que eram quási um exclusivo previlégio.

As senhoras também nesse tempo usavam o lenço ao pescoço como agora, lenço em finíssimo tecido e que compunha o decote, em geral exagerado dos vestidos, das elegantes daquele tempo. Tem sido pois o lenço há quatro séculos um elemento indispensável da «toilette». E felizmente acabados os privilégios dos nobres, hoje todos usam o lenço, pelo menos o lenço de assoar.

Mas a moda descobriu para o lenço vários usos e hoje as senhoras elegantes não dispensam os lenços, como elemento de elegância na sua «toilette».

HIGIENE E BELEZA

Não há senhora, por mais desprendida e pouco vaidosa que seja, que ao ver aparecer um forte buço sôbre o seu lábio superior, se não sinta desanimada e entristecida, e, com razão, porque se nos homens se volta a ver o bigodinho à John Gilbert, nas senhoras o buço é sempre detestável e não há mulher moderna que o tenha

Há depilatórios já feitos e óptimo para êsse fim, mas para aquelas que querem conservar no segredo do seu «boudoir» os pequenos mistérios da sua «toilette» damos a seguinte receita:

Depilatório liquido: Tintura de iodo, 3 gramas, Essência de terebentina, 6 gramas, Óleo de ricino, 8 gramas, Alcool a 90.°, 30 gramas, Colodio, 100 gramas. Emprega-se com um pincel, deixa-se estar um pouco de tempo, levanta-se em seguida e aplica-se um bom créme para suavisar a pele. Se à primeira vez não der resultado aplica-se no dia seguinte, até conseguir o que se deseja.

Sendo o buço pequeno há quem o disfarce molhando-o todos os dias com água oxigenada e amoníaco, mas apesar de loiro dá um feio aspecto ao rosto e é sempre preferível tirá-lo por completo, embora se tenha de repetir de vez em quando essa operação.

RECEITAS DE COZINHA

Pudim de lampreia: 2 decilitros e meio de água, meio quilo de açúcar, a casca de 2 laranjas raladas e um pau de canela. Ferve-se até ficar em ponto de espadana. Deixa-se arrefecer, deitam-se 10 gemas de ovos e 2 claras. Mexe-se muito e vai ao forno numa fôrma untada de manteiga. Deixa-se arrefecer e desenforma-se.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 5, 4
Copas — A. 2
Ouros — 2
Paus — 4

Espadas — R	**N**	Espadas — V. 10, 8, 3
Copas — D. V. 10	**O E**	Copas — R
Ouros — A. R. D		Ouros — — — —
Paus — — — —	**S**	Paus — 3, 2

Espadas — D. 9, 7, 6, 2
Copas — — — —
Ouros — 3
Paus — A.

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga A. *c.*, e **N** A. *p.*
S « 2 de *p.*, **N** A. *e.*
N « 2 *e.*, **O** R. *e.*, e é obrigado a jogar paus para debaixo de R. e V. de **S**, fazendo **N** A. *o.*

Os ciclistas

(Problema)

Dois ciclistas partem, à mesma hora, do mesmo ponto e seguem direcções opostas. Um dêles viaja à razão de 8 milhas por hora e o outro à razão de 10 milhas por hora.

Dentro de quanto tempo haverá entre ambos uma distância de 108 milhas?

Segundo uma estatística publicada, há anos, em Genebra, há no mundo aproximadamente, 70 milhões de cães, sendo 6 milhões nos Estados Unidos, 4 milhões na Inglaterra, 3 milhões em França, 2 milhões na Alemanha e 8 milhões na Turquia, não mencionando os outros países em que há menos.

Objectos perdidos

E' extraordinário onde pode chegar a distracção humana!

E' curiosa a lista publicada há poucos anos em Paris, dos objectos perdidos no prazo dum ano, tendo sido encontrados por honrados transeuntes e entregues na repartição encarregada desses serviços. Atinge o número de 170.000 depósitos. Entre esses objectos assim perdidos... e achados, figuram em primeiro lugar, os guarda-chuvas (23.700), as bengalas (10.150), os molhos de chaves (8.500), a seguir: os lenços de assoar as bolsas, as carteiras, os relógios... e até dentaduras postiças!

O «lawn-tennis»

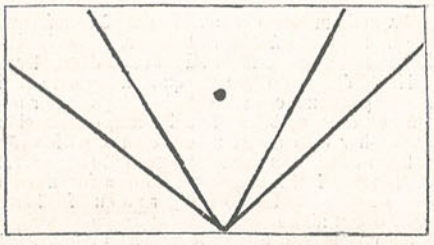
O *lawn-tennis*, tal como se joga, hoje no mundo inteiro, é um *sport* relativamente recente. Foi inventado pelo major inglês Wingfield, em 1873. Esse major estava então, servindo numa guarnição das Índias e deu-lhe primeiramente o complicado nome de *sphairestike*. A sua voga não tardou a espalhar-se por toda a península indiana e depois pela Europa, onde substituiu o *croquet*, então muito divulgado.

Que número é?

(Solução)

É o número 65.

Formar um círculo com linhas rectas



Num bocado de cartão, de forma a dar dimensões da figura junta, tracem as quatros linhas em ângulo, que neste se encontram desenhadas e façam um pequeno orifício no ponto nêgro central, onde se enfia um alfinete ou qualquer outro objecto análogo. Fazendo mover o cartão rápidamente em tôrno desse ponto, as linhas parecem tomar a fórma de dois circulos. E' um fenómeno curioso; experimentem e verão.

As Ordens do Banho e da Jarreteira

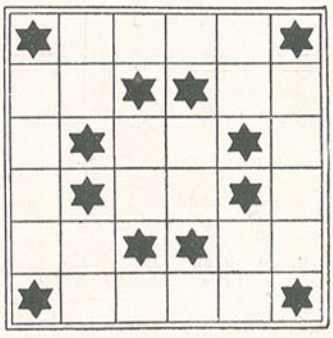
A ordem do Banho é uma ordem de cavalaria que data do ano 1399, tendo sido creada por Henrique IV de Inglaterra. Foi reorganisada várias vezes mas a última transformação foi obra da rainha Vitória. E' uma distinção que tanto se aplica a militares como a civis.

A ordem da Jarreteira foi fundada por Eduardo III, em 1348. A sua origem já bem conhecida é a seguinte: a condessa de Salisbury deixara cair no chão uma liga azul. O rei apanhou-a e foi entregá-la á condessa, mas esta sua solicitude fizera sorrir alguns fidalgos da Côrte. O rei, então, exclamou: «*Honni soit qui mal y pense*», e acrescentou que por muitos felizes se dariam os que se tinham rido, em obter semelhante fita. E foi então que o soberano fundou a Ordem da Jarreteira, sob a égide de S. Jorge. Esta ordem compreende unicamente vinte e cinco cavaleiros pertencentes á mais alta nobreza.

Beethovem não ligava nenhum valor aos seus rpóprios manuscritos. Depois de impressos andavam espalhados pelo meio do chão, com outras peças de música.

A dúzia de estrêlas

(Solução)



Foi só nos meados do século passado que os homens começaram a vestir-se de côres escuras. Nos séculos anteriores os homens excediam muito as mulheres no colorido dos seus trajos.

O pêso específico da água do mar sofre alterações conforme os factores geográficos e climatéricos. O Mediterrâneo possue mais densidade do que o Mar Negro, o que se explica pela abundância da água doce neste último lugar. Há íntima relação entre a salinidade e o pêso da água. Quanto mais substâncias contém o mar, mais ela pesa.

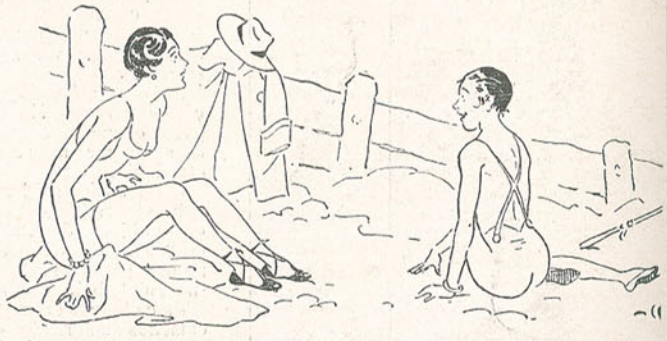
Jornais chineses

Há jornais do antigo império do China que têm perdurado até aos nossos dias. O decano dos jornais chineses, o *Peking Bao* ainda só há poucos anos é que desapareceu. Tinha 1.534 anos de existência, remontando a sua fundação ao reinado do imperador Tin Huang Teang, considerado na China como o inventor dos caracteres de imprensa em chumbo e em prata.

Nota-se que o *Peking Bao* foi primitivamente impresso sôbre sêda amarela e que as suas fôlhas eram cosidas umas às outras.

O burro fumador

Havia em Inglaterra, segundo consta, um burro que apreciava bastante o seu cigarrinho Quando lhe metiam o cigarro acêso na bôca, fumava-o na perfeição, soprando o fumo pelas narinas. Quando o cigarro estava quási todo gasto, o burro abanava a cabeça, apanhava-lhe os restos para dentro da bôca e mastigava-os com evidente prazer.



A que está de costas: — Esta manhã ouvi fazerem-te um elogio.
— Sério?
— E' verdade; um sujeito que está lá no nosso hotel, disse que te parecias comigo.

(De «London Opinion»).

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR JÚLIO DE SOUSA E COSTA

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, Esc. 8$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Indispensável a Juízes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiais, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariais), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA
Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Pôrto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatisticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, 30$00; pelo correio à cobrança, 33$00

■

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12$00; enc., Esc. 17$00
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães
Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10$00
Pelo correio à cobrança Esc. 11$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... 15$00
Pelo correio à cobrança ..... 16$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 6.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

ALMANAQUE BERTRAND

para 1940

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado... **10$00**

Encardernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA